

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BÁRBARA MARIA SOUZA MATTOS

**A REPERCUSSÃO DA APOSENTADORIA NO CASAL APOSENTADO:
UMA PERSPECTIVA FEMININA**

**UNIVERSIDADE
FEDERAL
FLUMINENSE**

RIO DAS OSTRAS

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINESE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RIO DAS OSTRAS–CURO
INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE- IHS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA- RPS

BÁRBARA MARIA SOUZA MATTOS

**A REPERCUSSÃO DA APOSENTADORIA NO CASAL APOSENTADO:
UMA PERSPECTIVA FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como cumprimento parcial da graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Campus Universitário de Rio das Ostras, sob orientação da Professora Dra. Fabia Monica Souza dos Santos.

RIO DAS OSTRAS

2016

Catálogo na fonte. UFF / SDC / Biblioteca de Rio das Ostras.

M444 Mattos, Bárbara Maria Souza

A repercussão da aposentadoria no casal aposentado: uma perspectiva feminina. / Bárbara Maria Souza Mattos;

Fabia Monica Souza dos Santos, orientadora. Rio das Ostras : s. n., 2016.

1. Aposentadoria. 2. Gênero. 3. Mulher. 4. Produção intelectual. I. Título. II. Santos, Fabia Monica Souza dos, (orientadora). III. Universidade Federal Fluminense.

CDD 22. ed. – 155.672

BÁRBARA MARIA SOUZA MATTOS

**A REPERCUSSÃO DA APOSENTADORIA NO CASAL APOSENTADO:
UMA PERSPECTIVA FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como cumprimento parcial da graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – Campus Universitário de Rio das Ostras, sob orientação da Professora Dra. Fabia Monica Souza dos Santos.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Fabia Monica Souza dos Santos – UFF
Orientadora

Prof.^a Dr. Patrícia Valle de Albuquerque Lima – UFF

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Azeredo Couto – Universidade Estácio de Sá/Prefeitura Municipal de Rio das Ostras

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por minha vida e por todas as portas abertas.

Aos meus pais, Jorge e Elinar por serem a minha base e meus maiores apoiadores. Da forma mais valorosa, me ensinaram a acreditar em mim e a lutar por meus sonhos. Dedico cada momento dessa realização a eles, meus heróis.

À minha família e aos meus irmãos, Jandilson, Jorge Augusto, Luiz Felipe e João Gabriel que estão ao meu lado me incentivando em sua forma mais encantadora, inclusive nos momentos de estresses. Obrigada por nosso companheirismo e cumplicidade. A vocês dedico meu amor e gratidão.

E à família que construí em Rio das Ostras, que me acompanhou e que foram/são essenciais para o meu crescimento não só no âmbito profissional como também pessoal. À vocês eu só tenho a agradecer por todo cuidado e amizade. Obrigada Rebeca, Luiz, Monique, Leandro, Silvinha e Natasha. E à República “Sem Critério” que vou levar comigo, sigo fazendo parte, com todas as nossas histórias.

À minha segunda Mãe, que me dedicou todo o seu amor, a quem chamo de Nininha.

Aos meus amigos do grupo de estágio 2014.2, Pedro e Viviane, que me ensinaram que trabalhar em equipe é mais que uma distribuição de tarefas, é aprender compreender o outro. À Maria e a Ana Lúcia, que também fizeram parte desse momento. Elas me proporcionaram não só o conhecimento como muito carinho e amor.

E à minha supervisora e orientadora Prof^a. Dra. Fabia Monica Sousa Santos, pelo ótimo exemplo do que é ser profissional. Levo comigo todos os conselhos e risadas. Obrigada por sempre nos incentivar e compreender.

Aos meus amigos de minha cidade (São Gonçalo), que me incentivaram e me acolheram nas minhas indecisões durante essa fase. Vocês ficaram comigo, afogaram meus medos e me mostraram que os nossos laços só iriam se fortalecer, como foi feito. A eles são Amanda, Elis, Karoline, Letícia, Mariana, Nágela, Saullo, Pablo e Thainá.

À minha turma de estágio 2015.2, que me proporciona encontros únicos e ensinamentos significativos. E à minha supervisora “Ticha” que tem me ensinado a olhar para o outro como para mim mesmo.

A vocês todos que fizeram e fazem parte da minha história, obrigada! Sigo em frente levando cada um de vocês comigo.

1



¹Imagem retirada em uma página “Não sou preconceituoso, mas” da rede social Facebook, publicada no dia 19 de junho de 2016, às 11:00 horas. Disponível em: <https://www.facebook.com/naosoupreconceituosomas/?fref=ts>.

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso realizado através de uma pesquisa qualitativa que tem a finalidade de descrever e analisar a lógica da aposentadoria e processo de construção de gênero em casais aposentados, sob uma perspectiva feminina. A aposentadoria é uma fase conflituosa colocando-se para o trabalhador como um período desafiador. Esta é marcada pela ambiguidade da liberdade diante dos compromissos acerca do mundo do trabalho, como também pelas incertezas dessa fase. Ademais, ainda percebe-se que historicamente esse período pode ser assimilado de formas diferentes para homens e mulheres. E isso se torna consequência da configuração da conjuntura do trabalho. Logo, a relação de gênero é construída de acordo com o tempo e o lugar, tornando-se significativa para essa temática. Com isso, esse trabalho é uma discussão entre a aposentadoria e a relação de gêneros, ressaltando as questões laborais do sujeito em uma sociedade que tem a raiz no patriarcalismo, submetendo a figura da mulher a uma posição subjugada e secundária. Desse modo, esta monografia tem como objetivo, analisar o processo da relação de gêneros na aposentadoria. Pretende ainda conhecer as diferentes conjunturas às quais um casal aposentado se encontra na sociedade, a partir do ponto de vista da figura feminina da relação. Assim, este trabalho é realizado através de um panorama histórico da aposentadoria, como também o gênero se constrói na atual sociedade, em pesquisa desenvolvida através de entrevistas abertas, semi-estruturadas, submetidas à análise de conteúdo.

Palavras-chave: Aposentadoria; Gênero; Mulher.

ABSTRACT

This is a Final Paper realized about a qualitative research to propose to describe e analyze the retirement logic and gender construction process in a retired couple, about a feminine perspective. The retirement is a conflicting phase, setting the worker as a defiant period. This is marked by the ambiguity of freedom in the face of commitments on the world of work, as well as the uncertainties of this period. Moreover, although it is noted that historically this phase can be assimilated in different perspectives for men and women. And it becomes a result of the work fortuity configuration. Therefore, the gender ratio is constructed with according the time and the place, becoming meaningful to this theme. Thus, this work is a discussion between retirement and the relationship of gender, highlighting the labor issues of the subject in a society that has root in patriarchy, submitting the figure of women to be subjugated and secondary position. Thus, this thesis has goal, to analyze this gender relationship process in retirement. And still approach the various situations wich a retired couple is in the society from the viewpoint of the relationship on the feminine figure. As soon, this work is carried out by a historical overview of retirement, as well the genre is cult in modern society, in a develop research through open interviews, semi-constructed, subjected to content analysis.

Keywords: Retirement; Gender; Women.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: A APOSENTADORIA E SUAS CONEXÕES.....	13
Seção 1.1.O mundo do trabalho.....	13
Seção 1.2. O advento da aposentadoria.....	17
Seção 1.3. Envelhecimento e aposentadoria.....	21
Seção 1.4.Aspectos negativos e positivos na aposentadoria.....	24
Seção 1.5.O contexto da aposentadoria.....	27
Seção 1.6.O reconhecimento no cenário do trabalho.....	28
CAPÍTULO 2: RELACIONANDO GÊNEROS.....	31
Seção 2.1 A concepção de gêneros.....	31
Seção 2.2 A soberania masculina.....	37
Seção 2.3 A entrada da mulher no mercado de trabalho.....	42
Seção 2.4 Envelhecimento e aposentadoria sob uma perspectiva feminina.....	46
CAPÍTULO 3: AS CONCEPÇÕES NA PRÁTICA.....	51
Seção 3.1 Metodologia.....	51
Seção 3.2 Análise de dados.....	52
Seção 3.3 Análise das entrevistas.....	52
Seção 3.3.1 O efeito do mundo do trabalho.....	52
Seção 3.3.2 Aposentadoria e seus impactos.....	54
Seção 3.3.3 O contexto familiar na aposentadoria.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXOS	
Anexo I.....	69
Anexo II.....	70

APRESENTAÇÃO

Ao pensar sobre um tema para desenvolver o trabalho de monografia, tinha a certeza de que gostaria primeiramente de abordar algo relacionado a minha experiência na prática e não apenas um contato na teoria. Pensando nisso, tive a oportunidade de relatar sobre o tema que trabalhei no estágio curricular no curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), no campus de Rio das Ostras (CURO). A fase do estágio em uma graduação é de especial importância, é a oportunidade de o aluno experimentar todo o conhecimento adquirido.

Sendo assim, o primeiro campo de estágio em que pude ter contato na graduação foi o Projeto Servidor Aposentado (PROSA), da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras. Este campo se deu através de um convênio entre a universidade e o poder público local. Essa experiência² durou aproximadamente um ano, onde também pude continuar mais um tempo como aluna extensionista do projeto, totalizando em uma experiência de dois anos no projeto.

O PROSA existe desde 2007 e é vinculado à Secretaria de Administração e Modernização da Gestão Pública. O principal objetivo deste é proporcionar um espaço de inserção social para os servidores aposentados, possibilitando com isso uma integração do grupo. Assim, são realizadas diversas atividades com os aposentados a fim de atingir esse propósito. Com a inserção dos estagiários no campo desenvolveu-se, a salvo o que já vinha sendo realizada, a implementação de novas atividades como as oficinas temáticas (exemplos: oficina da memória; oficina de reciclagem; roda de leitura; atividades musicais), acompanhamento psicossocial, levantamento de informações sobre os usuários e encontros temáticos sobre o tema aposentadoria. Essa intervenção tinha como finalidade auxiliar o público alvo a compreender e lidar com questões relacionadas a essa temática.

O PROSA é um grupo social que proporciona, através de encontros e atividades realizadas, o fortalecimento da autoestima desses aposentados, permitindo que eles se tornem protagonistas de suas experiências. Dessa maneira os grupos de convivência permitem uma inclusão social para o sujeito participante, estimulando

² Gostaria de fazer um agradecimento em especial ao meu amigo Pedro Henrique que foi muito importante durante o desenvolvimento dessa experiência. Ele não só me apresentou a temática da aposentadoria como me fez perceber a importância desta. O tema deste trabalho originou-se a partir de uma conversa entre nós dois, depois de um grupo de estudos que realizávamos sobre o tema. Pedro, obrigada por acreditar em mim e me ajudar a compreender o quanto eu posso.

maior qualidade de vida e sua autoestima, como também seu senso de humor (ALMEIDA ET AL., 2010).

Durante a fase de estágio percebi o quanto a aposentadoria é importante/inevitável na vida do sujeito e o quanto ela pode ser confusa, causando consequências tanto positivas quanto negativas. Diante disso, entendi que abordar esse tema é uma questão de cuidado para com o sujeito, o que envolve todas as áreas de sua vida. Para além disso, no PROSA pude observar que, por uma questão historicamente construída, homens e mulheres apreendem essa fase, advinda com o desengajamento do trabalho, de formas diferentes. Afinal, a fase anterior, baseada na vida laboral, ocupa uma posição desigual de acordo com o tempo e o gênero. A posição da mulher, que ainda se coloca socialmente inferior em relação ao homem, inclusive profissionalmente, reflete também na aposentadoria e no envelhecimento (ATTIAS–DONFUT, 2004).

Posto isto, a escolha de minha temática deu-se por falar da questão de gênero na aposentadoria. Assim, busquei levantar um debate acerca de como a aposentadoria pode mudar a vida do sujeito e mais ainda como o gênero pode influenciar isso. Afinal, a aposentadoria não é apenas o término de uma carreira, já que está ligada ao rompimento de atividades de anos, vínculos construídos, como uma rotina, influenciando na vida social e pessoal do sujeito. Dessa forma, a aposentadoria traz mudanças que envolvem todas as áreas de sua vida (ZANELLI, SILVA E SOARES, 2010). Sendo mais específica, assumi esse olhar por uma perspectiva feminina, pois é através da figura da mulher que foi abdicada de tantos direitos durante os anos que se percebe essas diferenças (ATTIAS-DONFUT, 2004).

Desse modo, esta monografia tem como objetivo analisar o processo da construção de gêneros em mulheres aposentadas que se encontram em um matrimônio, privilegiando uma perspectiva feminina.³ E ainda conhecer as diferentes conjunturas em que um casal aposentado se encontra na sociedade, afinal a mulher ao se aposentar se vê retornando ao ambiente privado, intitulado como seu domínio, constituído historicamente, como o homem que tinha como lugar o domínio público se vê *invadindo* o espaço privado. Assim, busquei analisar a relação entre componentes, as perspectivas de ambos, como o próprio contexto histórico pode contribuir para um quadro atual, procurando desse jeito compreender a organização familiar com o advento da

³No caso dessa pesquisa, refere-se à figura da mulher.

aposentadoria, a dinâmica das relações, as vivências de prazer e sofrimento relacionados ao trabalho, a própria aposentadoria e a mobilização subjetiva do casal aposentado.

Para atingir o objetivo proposto, foi utilizada uma análise teórica do contexto da aposentadoria, com seus conceitos e autores de referência, além de seus desdobramentos no Brasil. Além disso, ocorre uma análise sobre a perspectiva subjetiva da vida do sujeito que se encontra aposentado, perpassando pelo mundo do trabalho como as suas circunstâncias. Ainda na parte conceitual há uma análise da construção da relação de gêneros e como esta se produz na atual sociedade.

Aqui é utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa e isso é feito através do espaço da escuta e da fala por meio de entrevistas semi-estruturadas, sendo transcritas e em seguida submetidas à análise de conteúdo. Por fim, é realizada uma discussão acerca do que foi apresentado, analisando os resultados e as características do processo de construção do sujeito na realidade abordada.

CAPÍTULO 1: A APOSENTADORIA E SUAS CONEXÕES

1.1 O mundo do trabalho

O trabalho é um núcleo definidor do sentido da existência humana. Toda a nossa vida é baseada no trabalho. Os processos de socialização primária e secundária nos preparam para isto, mesmo quando ainda não entendemos de modo mais preciso tais significados.

Zanelli, Silva e Soares⁴

Desde o início da humanidade o trabalho está presente na vida do sujeito, configurando-se contextualmente de acordo com as sociedades. Isso permite dizer, que o termo trabalho pôde assumir diferentes definições. Assim, seu significado não se torna estático, podendo ser construído e reconstruído. É nesse viés que Zanelli e Silva (1996) concordam que o ser humano modifica e é modificado pelo trabalho alterando aspectos morais, sociais e econômicos. Já Soares e Costa (2011), ao falarem de trabalho, baseiam-se em uma visão de Marx que entende trabalho como uma atividade exclusivamente humana que se dá através da apropriação da natureza para satisfazer as necessidades do homem. Logo, o cenário do trabalho contou com transformações profundas, alterando não apenas a sociedade como um todo, mas o próprio indivíduo.

Com a sociedade moderna, o trabalho coloca-se como uma atividade laboral na vida do ser humano. A partir disso, é tomado como uma medida de valor, uma vez que o trabalhador é forçado a vender sua força de trabalho como mercadoria. Nesse contexto histórico, o trabalhador torna-se obrigado a entrar em uma lógica capitalista de venda e troca, resultando numa realidade social, dado pelo trabalho assalariado, no caso o emprego⁵ (ZANELLI, BORGES-ANDRADE e BASTOS, 2014).

Em vista disso, o trabalho tende a ocupar uma posição de privilégio na sociedade contemporânea. O sujeito então começa a se estruturar em volta do trabalho, constituindo-se social e pessoalmente. Logo, sua identidade passa a ser moldada por essa realidade (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010). Identidade aqui compreendida, como concordam

⁴ Zanelli, Silva e Soares (2010).

⁵ Utilizado aqui como trabalho assalariado, como concordam Zanelli, Borges-Andrade e Bastos (2014) no livro *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil*. Já Enriquez (1999) complementa esse conceito, ressaltando que emprego é atividade realizada com um salário fixo, mesmo que essa remuneração não seja atrativa.

Soares e Costa (2011), como “a singularidade, a especificidade, a caracterização de alguém ou alguma coisa” (p.23). Completando ainda que a identidade se constrói na relação com o outro, sendo comprovado pelo meio externo (socialmente), tornando-se real para a própria pessoa.

O período da I Revolução Industrial foi marcante para essa conjuntura, refletindo na vida do trabalhador. Esse fenômeno enfatizou as diferenças sociais entre as classes dos ricos e dos pobres. Proporcionou um desenvolvimento tecnológico que prejudicou, de certa forma, em nível profundo os trabalhadores, afinal as máquinas passaram a substituir as mãos-de-obra. Nesse intuito, percebe-se que o mundo do trabalho não se impõe de forma vantajosa para com os profissionais, objetivando assim o lucro final.

Esta é uma nova configuração, segundo Alves (2014), no qual se diferencia da Idade Média. A pobreza, concordando ainda com o autor, é vista no período anterior como a falta do trabalho, no entanto na atual sociedade, ela se desenvolve pela precarização do mesmo. Destarte, como consequência,

A Igreja criou a ideologia de que o trabalho é a condição para livrar o homem do inferno. Para estabelecer a relação entre os pobres e os burgueses, e alavancar o capitalismo que emerge, surge o estatuto no qual a solidariedade no Estado social preconiza o compromisso firmado entre o capital e o trabalho. Este estatuto ultrapassa as relações anteriores baseadas no simples contrato de trabalho que retribuía de forma pontual o término de uma tarefa e passa a garantir aos trabalhadores direitos sociais à propriedade, ao trabalho e ao instrumento de pressão social do voto. (ALVES, 2014, p.2).

Já se baseando no ser humano, o mesmo não se coloca como um ser biologicamente estático, e ao decorrer de seu processo de crescimento, passa por algumas fases de importância social. Conforme seu desenvolvimento, cada fase – como infância e adolescência – que é deixada para trás, é sinônimo de maturidade. E, como tal, o auge da maturidade é vista com a fase adulta, com a inserção do ser humano no mundo do trabalho (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010).

Desse modo, esse cenário do trabalho passa a ser naturalizado na sociedade ocidental. Exemplo claro disso ocorre quando, na infância, a criança é orientada a imaginar o que ser no futuro. Na escola, segunda instituição social em que nos deparamos, somos também indagados e preparados desde sempre para nos tornarmos alguém para o trabalho. Então, é a partir da industrialização que a escola passa a ter o papel determinante na construção do aluno, desenvolvendo-se para o trabalho assalariado. Concordo assim com Jardim (1997) que relata, “não se nasce trabalhador, torna-se trabalhador” (p. 85).

Dessa maneira, a escola segue o pensamento que é através do trabalho que o indivíduo, com seu esforço e competência, realiza seus desejos. Por isso, ela é voltada para as crianças, uma vez que ainda não possuem um pensamento formado para uma maior compreensão, aceitando a cultura construída (JARDIM, 1997). Nesse sentido,

A escola pública do mundo ocidental objetivou formar o cidadão e o trabalhador, valorizando o trabalho assalariado como a maneira mais desejável para a realização do ser humano. Trabalhar assalariadamente era visto como a possibilidade de criar um mundo melhor, uma vida com mais conforto e maiores possibilidades de consumo (PACHECO, p. 206, 2004).

Esta é uma concepção que mostra o trabalho como a única forma de vida digna. O trabalho como causa de um sucesso econômico, é indispensável no modelo de produção em questão. Isso nos remete à história que todos nós já devemos ter ouvido: “Você precisa estudar para ser alguém na vida”. Ou seja, esse alguém só vai receber seu devido valor quando ocupar uma posição na estrutura laboral. Assim, antes a pessoa se é vista nessa estrutura, é percebida. O trabalho então é colocado como uma forma de inclusão social. Logo, aqueles que não o possuem – no caso, aposentados e desempregados – são identificados como excluídos, carregando a vergonha por essa posição (ZANELLI e SILVA, 1996).

Ademais, é por meio do trabalho que o homem realiza suas necessidades – instigado pelo capitalismo - que segundo o pensamento de Maslow (2000) segue uma hierarquia de necessidades, atingindo a autorrealização. Conseqüentemente, constrói-se uma dependência do sujeito com seu trabalho, formando sua identidade. Entende-se a partir disto que o trabalho está na base da atividade econômica da vida humana, tendo como objetivo primeiro a satisfação das necessidades individuais e/ou coletivas dos seres humanos, independente da sociedade (MARX, 1975). Contudo,

Se, para a sobrevivência, o trabalho deveria satisfazer pelo menos as necessidades diárias, na perspectiva psicológica é uma categoria central no desenvolvimento do autoconceito e uma importante fonte de autoestima. É a atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Estabelece suas aspirações e seu estilo de vida. (ZANELLI, SILVA e SOARES, p.25, 2010).

Na visão da psicodinâmica do trabalho, este é o objeto central na constituição da estrutura da identidade e da saúde mental do ser humano, interferindo na *psique* do sujeito como na interação social que ocorre entre o empregado e a organização do trabalho. Com isso, quando há um sofrimento nesse âmbito, pode ocorrer uma interrupção dessa construção de identidade como também da integridade do sujeito. Em contrapartida, o prazer no exercício de sua atividade laboral pode fortalecer a identidade do sujeito (VIEIRA, MENDES e MERLO, 2013).

Já para a Gestalt-terapia, a relação que o profissional desenvolve com seu trabalho pode ser definida como confluenta. O trabalhador, ao se identificar e ser identificado através de sua vida laboral, passa a desenvolver uma confluência de forma não saudável com o seu emprego. E nesse caso, como descreve D’Acri (2012), “a consciência é o oposto da confluência”, logo o trabalhador coloca-se alienado nessa relação, não tendo a percepção de si. A confluência então,

É um estado de não-contato (...) A criança pequena está em confluência normal com sua mãe (simbiose), assim também o amante com a amante, e também o adulto com sua comunidade, e até o homem com o universo, por pouco que se sinta em harmonia mística com ele (sentimento “oceânico” de comunhão ou em êxtase) (GINGER e GINGER, 1995, p. 133).

Na atualidade, essa conjuntura do trabalho é vista nas organizações, que por meio de estruturas e processos formais e informais, é apresentada como fonte da identidade e da autoestima dos trabalhadores (ZANELLI e SILVA, 1996). Essas transformações que são enfrentadas atualmente referentes ao trabalho tiveram sobretudo influência de um desenvolvimento tecnológico, originada em decorrência da globalização. É no século XX que isso é difundido, com alterações nas relações de trabalho que repercutiram na vida pessoal e familiar dos trabalhadores, como também nas relações internas e externas à organização⁶. Nessa perspectiva,

O poder disciplinar estipula formas de apreensão e do tratamento dos sujeitos que resultam em efeitos individualizantes. Produz-se indivíduos trabalhadores que se dizem livres e iguais. Entretanto, numa sociedade que se diz igualitária, o trabalho produz diferenças entre homens e mulheres, entre pais e filhos, entre patrões e empregados, entre trabalhadores e profissionais, entre profissionais e intelectuais e entre quem tem trabalho e quem está desempregado. (JARDIM, 1997, p. 81).

Sendo assim, ao mesmo tempo em que o trabalho permite a realização do homem, o individualiza, enfatizando diferenças entre os trabalhadores. Isso só mostra como o trabalhador ocupa uma posição passiva perante um domínio das organizações. Em decorrência disso, o que é visto são empresas moldando seus empregados, fazendo parte da construção dos seus corpos (Goellner, 2013), pois “falar do corpo é falar também de nossa identidade...” (p. 31).

Além disso, pode se ver ainda que as modificações na estrutura do trabalho definiram essas novas relações sociais. É portanto nessa sociedade de consumo que o

⁶ Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010) – 5 ed. – o termo organização pode significar: Ato ou efeito de organizar; Organismo; Estrutura; Fundação, estabelecimento; Composição. No entanto, no presente trabalho foi utilizado no sentido de fundação, estabelecimento.

trabalhador se mantém ativo, onde ainda constrói a maioria de suas relações, apoiado num ambiente organizacional. Ademais, o trabalho acaba por determinar ainda o tempo e as atividades, posicionando-se como ponto de referência para o sujeito (ZANELLI, SILVA e SOARES, p. 23, 2010).

Assim, percebe-se como o trabalho pode modificar o sujeito, ocorrendo nas mais diferentes áreas de sua vida. Logo, no atual sistema de produção da sociedade em que vivemos, o trabalho torna-se base para uma vida social, refletindo na vida pessoal, financeira e familiar daquele que adere a essa atividade. Por assim dizer, o mundo laboral se coloca como regulador da vida de cada profissional, porém é preciso um limite para que essa dependência não seja tão profunda a ponto de regular a própria subjetividade do sujeito.

1.2 O advento da aposentadoria

*Se eu sou em grande parte o que faço, se não
faço mais, quem sou eu?*

Zanelli⁷

O final da vida laboral é marcado com o início da aposentadoria. Este é um momento que acontece de forma impactante, colocando o sujeito em uma fase de transição. Essa fase promove certa insegurança do futuro, além de um estigma vindo da sociedade. Por outro lado, esse ciclo pode ser visto como um momento de se pensar em si, para além do mundo do trabalho. Isso é dado por uma conjuntura em que o trabalho é exaltado, ao contrário de sua ruptura.

A aposentadoria é um fato recente na história e o crescente número da população idosa afeta diretamente esse momento que se torna decisivo para os trabalhadores. Isso se dá pelo fato de a aposentadoria estar ligada à velhice, logo isso torna não só importante como imprescindível maior estudo acerca do tema envelhecimento e da própria aposentadoria. Afinal, a aposentadoria como momento de transição simboliza um provável sintoma da última fase da vida (ALVES, 2014). Por isso é necessário enfatizar a necessidade de maiores estudos, para melhor compreensão dessa fase.

Surgindo na Alemanha, no final do século XIX, a aposentadoria tinha como seu principal objetivo a renovação da mão-de-obra, uma vez que se passou a ter idosos na

⁷ Zanelli (2010)

linha de produção. Assim a aposentadoria permitiu que a mão-de-obra jovem pudesse entrar no mercado de trabalho, sendo mais velozes e eficientes, comprovando a ligação da aposentadoria com a idade. (PACHECO, 2004).

Já no Brasil, a aposentadoria surge em 1888, com o primeiro marco dos direitos previdenciários para os idosos. Estes foram com os trabalhadores dos Correios que passaram a ter direito à aposentadoria. Em 1923 originou-se a Previdência Social propriamente dita com a criação da Caixa de Pensão e Aposentadoria, mesmo beneficiando poucas profissões. Em 1960 foi criada a União dos Aposentados e Pensionistas no Brasil. Em 1984 ocorreu o surgimento da Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap).

Mas foi na Constituição de 1988 que o benefício do sistema previdenciário passou a se estender a todos os trabalhadores. Assim sendo, a previdência social, passa não ser apenas um direito, mas um seguro social para o cidadão brasileiro. Desse modo, essa nova configuração proporciona ao Estado uma nova visão para com o envelhecimento e para a sociedade, como também garantir uma gratificação ao trabalhador que se dedicou grande parte de sua vida.

E é com o início da aposentadoria, que muitas vezes acontece de forma abrupta, que as pessoas perdem esse seu ponto de referência. Isso pode resultar em questionamentos e adversidades não enfrentadas anteriormente. Em uma sociedade em que o trabalho se torna base para construção da identidade na vida do trabalhador, é natural que a chegada da aposentadoria se desenvolva de forma conflitante, abarcando um peso social e moral diante da cultura vivida (SOARES, 2007). Desse modo,

A saída do mundo do trabalho para a aposentadoria implica diversas mudanças na vida, pois representa, ao mesmo tempo, a perda do lugar no sistema de produção, a necessidade de reorganização espacial e temporal (tempo e lugar/tempo e não-trabalho) e de reestruturação da identidade (SOARES e COSTA, 2011, p. 35).

Com advento da aposentadoria, o sujeito pode se deparar com dois lados dessa fase. Uma via pode significar um descanso por todos os anos de trabalho, construindo novos planos ou mesmo o retorno de projetos interrompidos. Outra via é a perda de sentido diante de uma vida desenvolvida a base do trabalho. Afinal, as experiências de cada indivíduo se tornam únicas e diferenciadas de pessoa para pessoa. Como concorda ALVES (2014), “não há uma única maneira de vivenciar as etapas da vida. Cada indivíduo experimenta da maneira única e singular as suas vicissitudes e, obviamente, o seu envelhecimento” (p.7).

Considerando que a identidade pessoal é associada à identidade profissional, é possível perceber que essa desvinculação ocorrida nesse período em muitos casos não é realizada de maneira rápida, pois entende-se que o trabalho é um definidor na vida de seu empregado. A partir disso, o sujeito vai determinar ocupações, horários, relacionamentos, padrão de vida, *status* e outros. Todavia, o que se nota é que por mais que a aposentadoria seja almejada, ela impacta o sujeito, até porque o estilo de vida construído por meio do trabalho se perde, restando apenas a experiência. Trata-se de uma conjuntura em que,

O afastamento do trabalho provocado pela aposentadoria talvez seja a perda mais importante da vida social das pessoas, pois ele pode resultar em outras perdas futuras, que tende a afetar a sua estrutura psicológica. As consequências negativas mais imediatas provocadas pela aposentadoria são a diminuição sensível da renda familiar, a ansiedade frente ao vazio deixado pelo trabalho e o aumento na frequência de consultas médicas. (FRANÇA, p.10, 1999).

A aposentadoria é sinônimo do fim de uma carreira de trabalho e o trabalhador, agora inativo⁸, percebe sua identidade um tanto confusa, passando por um período de questionamentos. Afinal, o sujeito que era identificado por sua vida profissionalmente - por onde trabalhava ou o cargo que ocupava - agora já não possui mais seu *status* e o que resta é lidar com essa nova fase que se inicia muitas vezes sem que o sujeito se prepare para isto. Assim, como descreve Jardim (1997), “tornar-se trabalhador, tornar-se profissional fala de um processo de produção de sentido que não começa na fábrica nem termina nela, mas passa por ela” (p.87). Então, isso acaba por se refletir na aposentadoria, com paradigmas ainda de uma vida ativa de produção.

Como o desempregado, o aposentado carrega um estigma de estar à parte socialmente, visto que a vida social é orientada pelo trabalho. É um ciclo que pode levar à perda do sentido, resultando em uma morte social. Dessa maneira, o aposentado é reconhecido como um inútil diante desta sociedade, alguém que está impotente e que não é mais produtivo. Em uma cultura que supervaloriza a produção, o aposentado se coloca como um fardo, não apenas para o seu convívio, como também para a sua família (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010). Esse estereótipo é a marca de um ambiente em que os sujeitos são manipulados em função de um aumento constante do lucro. Pode-se dizer então que,

Não esquecendo do lugar que se fala – uma sociedade capitalista -, o “aposentar-se” tende a ser acompanhado por valores negativos como: inutilidade, incapacidade e envelhecimento. Por conseguinte, o aposentado é

⁸ Termo utilizado quando o trabalhador se coloca no fim da sua atividade laboral, tornando-se inativo para a organização.

quem não possui mais utilidade para a manutenção do sistema produtivo (SOARES e COSTA, 2011, p. 36).

O estigma da aposentadoria ocorre inicialmente em seu próprio termo. Ao procurar a palavra aposentadoria e seus correlatos no dicionário, são encontrados alguns significados como: aquele que está alojado em um aposento, que perde a serventia, que não é mais utilizado, que deixou e trabalhar por falta de saúde ou por ter atingido determinado limite de idade e outros (VASCONCELOS FILHO, 2007). Significados como esses levam a questionar o lugar do aposentado. Depois de anos de contribuição, o aposentado se resume em apenas a um fardo sem utilidade? Posto isto,

Não é sem razão que a categoria dos aposentados é denominada nos registros formais de inativa. O que significa não estar em atividade, não manifestar qualquer tipo de ação, inoperante ou não funcionando. (...) O recado transmitido equivale: se você não mais trabalha, deixa de ser e de ter importância. Ou seja, se sou o que faço, se não faço mais, quem eu sou? Em decorrência a barreira se ergue objetiva-se na dificuldade em participar das atividades consideradas úteis. (ZANELLI, SILVA e SOARES 2010, p. 31).

No entanto, ao considerar a posição que o trabalho ocupa diante da sociedade e a questão da subjetividade de cada indivíduo, é comum o fato de que cada trabalhador possa apreender essa nova fase de maneiras distintas.

Como um período de transformação, é nesse ciclo que se pode encontrar uma carga de ambiguidade diante do sujeito. A ambivalência de sentimentos é marcada pela dificuldade da aceitação de ter se tornado um aposentado como pelo sentimento de liberdade. Isso acontece por conta da imagem que carrega um aposentado, como uma posição excluída e simultaneamente um sentimento de liberdade por ter a oportunidade de concretizar os desejos impedidos pelo trabalho antecipadamente. Com isso, pode se encontrar um novo cotidiano para este ex-trabalhador, o qual carrega aspectos positivos e negativos para essa nova etapa.

A crise de identidade que pode ocorrer com a aposentadoria leva a pessoa à reflexão de si mesmo e de seu papel social e pessoal. Questionamentos como sua função, sua contribuição laboral, seu futuro e o que fazer dele são levantados regularmente como também pensamentos sobre ser substituído e descartável. Sendo assim, esse é um estágio rodeado de dúvidas e incertezas influenciadas por uma sociedade que não valoriza quem já se dedicou tanto ao trabalho.

Para mais, o encerramento da carreira do trabalhador não afeta apenas o então aposentado, mas também as pessoas em sua volta – como o cônjuge e filhos – adaptando essas relações para novas formas de convívio familiar e social (ZANELLI, 2000). Logo,

a aposentadoria não é um momento apenas do trabalhador, afetando todo seu contexto social.

Por fim, esse é um momento de reflexão perante toda uma vida em função do trabalho. Assim, é uma oportunidade do sujeito perceber sua subjetividade e não se mais se perceber como a posição que ocupa.

1.3 Envelhecimento e aposentadoria

Da meninice à velhice, a vida é continua mudança. Cada etapa tem um conjunto de características, interesses, possibilidades e limitações próprias.

Zanelli e Silva⁹

O envelhecimento é um tema que possui um espaço recente no contexto dos estudos científicos. Botelho (2016) especifica relatando que no Brasil os idosos passaram a receber sua real atenção nas políticas públicas apenas em 1990 e que essa é uma questão que deve ser vista de um ponto de vista holístico¹⁰. Dessa forma, a velhice precisa ser considerada com o seu contexto, incluindo condições pessoais, culturais, sociais, econômicas e familiares daquele que envelhece. Posto isso, constata-se que a aposentadoria, como um processo que faz parte da vida social do ser humano, pode também fazer parte do envelhecimento.

Como descreve Couto (2008), a velhice está ligado a pensar em um “cenário marcado por intensas transformações simbólicas que afetam os processos mediante os quais conferimos significados ao envelhecimento e administramos as relações intra e intergeracionais em nossa sociedade” (p. 52). E quando se fala de aposentadoria, é natural reportar-se aos idosos, até porque esse direito originou-se com intuito de dar um suporte a camada idosa que ainda estava produzindo ativamente. No entanto, o que se vê atualmente é outro quadro de aposentados. Por conta dos diferentes tipos aposentadoria, hoje em dia podem ter aposentados com idades distintas. Com isso, pode-se encontrar na atual conjuntura muitos jovens se aposentando.

⁹ Zanelli e Silva (1996).

¹⁰ Para Lima (2012), por uma visão de Perls, o holismo é dado como uma visão do todo, uma compreensão do organismo como totalidade, que se difere da soma das partes

A aposentadoria por idade, por exemplo, permite que os homens se aposentem com 65 anos, enquanto as mulheres com 60 anos¹¹. No caso da aposentadoria por idade com deficiência, o homem deve ter no mínimo 60 anos e a mulher 55 anos. Além disso, ter trabalhado efetivamente no mínimo de 180 meses com a condição de pessoa com deficiência.

Na aposentadoria por tempo de contribuição, os trabalhadores do sexo masculino devem ter uma contribuição de 35 anos e do sexo feminino devem ter 30 anos de contribuição. Porém, há certas profissões, como a dos professores da Educação Básica (educação infantil, ensino fundamental e médio), que se colocam como exceção, tendo tempo de contribuição de 30 anos para o sexo masculino e 25 anos para o feminino. A aposentadoria por tempo de contribuição com deficiência ocorre conforme o grau de deficiência da pessoa, sendo classificada de leve, moderada e grave, além de no mínimo 180 meses efetivos trabalhados nessa condição.

Já a aposentadoria por invalidez abrange as pessoas que estão incapacitadas a continuar a trabalhar, por motivo de doença ou acidente. Nesse caso, o trabalhador precisa passar por uma perícia médica do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) – órgão do Ministério da Previdência Social ligado diretamente ao Governo - que vai propiciar um laudo médico. Em situações menos comuns, como o caso da aposentadoria especial por tempo de contribuição, os trabalhadores ganham esse direito por exposição a agentes nocivos à saúde, sendo físicos, químicos ou biológicos.

Posto isto, entende-se que no presente a aposentadoria, mais que um direito dos idosos, é um direito do trabalhador¹². E, por assim dizer, pode se afirmar que o envelhecimento possui uma ligação direta com a aposentadoria, mas esta não possui uma ligação direta com o envelhecimento, já que ela abarca outras camadas da sociedade, como adultos e jovens adultos.

O número de aposentados jovens cresce em nossa população, apesar de haver um número significativo de aposentados idosos. Assim, pensar a aposentadoria e o envelhecimento como sinônimos já está sendo equivocado para a nossa sociedade contemporânea. Este novo quadro de referências dos aposentados na sociedade brasileira pode acarretar uma maior compreensão dessa fase. No entanto, pode aumentar o

¹¹ Definido assim, após a reforma da Previdência em 1998.

¹² Para maiores informações procurar o Estatuto do Idoso - BRASIL. Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Estatuto do idoso, Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

preconceito para aqueles que são idosos, uma vez que a nossa sociedade ainda possui preconceitos em relação ao processo de envelhecimento e em si da aposentadoria (FRANÇA, 1999).

Para os ativos, aqueles que não se colocam na linha de produção, seja na posição que for, são um peso. Na visão deles, é como se quem produzisse sustentasse quem não produz. Isso acaba por gerar preconceitos para com idosos, aposentados e desempregados, sendo rechaçados do meio social. No caso dos aposentados, o capitalismo ainda tenta atingi-los, com ofertas e promoções específicas para esse público, o que favorece a uma falsa inclusão (SELIG e VALORE, 2010).

Atualmente, pode se perceber uma alteração na pirâmide etária dos brasileiros. Segundo as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2050 haverá uma inversão dessa pirâmide, na qual a população idosa se tornará desproporcionalmente maior quando comparada ao resto da população. Com isso, é possível pensar em uma população em que o número de trabalhadores é inferior ao número de aposentados. Logo, como sustentar essa lógica capitalista, em que os aposentados agora em maior quantidade não consomem (por ter um menor poder de compra) tanto quanto os trabalhadores que são em menor quantidade?

Quanto mais próximo à aposentaria, mas se percebe as dificuldades em lidar com tal fase. A falta de preparo e planejamento para este momento se reflete em ansiedade e medo, onde o sujeito não consegue perceber claramente, na maioria dos casos, as consequências dessa nova forma de vida e nem se há pontos positivos nela. Seguindo nessa linha ainda há a possibilidade de graves conflitos psicológicos.

Contudo, o encerramento de um período profissional é de fato um momento de comoção para quem passa. O sujeito aposentado depara-se com questionamentos que até então não foram vistos. Destarte, ainda tem que lidar com os estigmas que a aposentadoria carrega. No entanto, a aposentadoria é uma nova realidade que oferece ao trabalhador uma reflexão de uma vida em função do trabalho.

1.4 Aspectos negativos e positivos na aposentadoria

*A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar, mas eis que chega a roda-viva e carrega o destino pra lá.*¹³

Chico Buarque

Como falado anteriormente, a aposentadoria é um período que pode ter como consequências vantagens e dificuldades diante da vida do sujeito. Uma dificuldade comumente encontrada nessa fase dada ao fim da vida laboral é a questão da administração do tempo livre. O trabalhador, como dito anteriormente, programa suas atividades em função do trabalho, ou seja, é de acordo com o horário estipulado pela organização que esse trabalhador vai definir todas as atividades de sua vida. Quando a aposentadoria se inicia, o sujeito pode ter dificuldades em saber como administrar esse tempo livre. Com isso, o mesmo se perde com a falta de rotina, antes determinada como descrito na ideia acima. Assim, o aposentado não consegue manejar o seu tempo, planejar atividades, elaborar novas escolhas e aderir às transformações desse novo período (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010).

Nessa perspectiva, é comum ter casos em que o trabalhador estenda seu período de produtividade, mesmo já estando em época de se aposentar. Sendo assim, muitas empresas estimulam essa prática oferecendo benefícios para que os trabalhadores continuem trabalhando. Isso nos leva a pensar em uma manipulação em que as empresas acabam por ditar não só a vida profissional desses trabalhadores, bem como a vida pessoal e social dos mesmos. Isso é decorrente de uma realidade em que o próprio trabalhador além de cumprir seu horário, determinada muitas vezes pela organização, submete-se a instrumentos de controle da mesma, como por exemplo, horas extras para complementar a renda ou aparelhos eletrônicos que a empresa disponibiliza a seus funcionários, mas que devem estar ligados quando o chefe precisar, sendo isto em qualquer horário.

Outra questão a ser abordada é a financeira, que influencia de forma negativa a imagem da aposentadoria. O trabalhador que está acostumado com sua renda e seus benefícios – quando o tem – dado por seu cargo, ao se aposentar depara-se com um salário drasticamente inferior. Isso proporciona uma queda no estilo de vida do sujeito que se realizou dessa forma com seu trabalho. Dessa maneira, é possível que o aposentado se

¹³ Música que faz parte do álbum “Chico Buarque de Holanda – volume 3” de 1968, do cantor Chico Buarque.

veja impossibilitado de projetar novos planos, por conta do seu novo *status* financeiro (FRANÇA, 1999).

Desse modo, o aposentado restringe-se a uma estrutura básica de sobrevivência. E mesmo dessa maneira, em muitos casos é preciso que o aposentado continue trabalhando para complementar essa renda, que não permite cobrir nem esta sobrevivência. O perda de poder aquisitivo por parte da aposentadoria proporciona uma limitação da liberdade financeira do sujeito, uma vez que deve controlar seus gastos de acordo com suas necessidades.

A questão da saúde também é muito importante nesse momento. Por uma associação já feita da aposentadoria com a velhice, esse é um período no qual é comum os aposentados demandarem maior assistência no campo da saúde. Isso pode ser visto de maneira negativa, uma vez que eles estão, por conta da idade (ainda em sua maioria), mais propícios a adquirirem doenças, tendo que gastar sua renda para investir na manutenção da doença. Isso se dá através de consultas médicas, exames e na compra de remédios, por exemplo.

Por outro viés, vindo de maneira positiva, com a aposentadoria, o sujeito possui maior tempo livre para investir em sua saúde, podendo ser feito até mesmo através de atividades para os manterem ativos. Em decorrência do tempo livre, este passa também a ser um período de estruturar novos projetos ou sonhos interrompidos por conta do trabalho. O sujeito então tem, agora a oportunidade de refletir sobre si mesmo e seus desejos, com a possibilidade de realizá-los, como se fosse uma retribuição por todos os anos de serviços prestados (ZANELLI e SILVA, 1996).

Nesse intuito, vale ressaltar que, como relatam Soares e Costa (2011), a identidade, ao se transformar, também influencia no planejamento dos projetos futuros. Logo, a elaboração desses projetos pode auxiliar a ressignificar dessa fase, como na reconstrução da identidade do atual aposentado. E assim,

A construção de novos projetos de futuro requer da pessoa reflexões sobre seu passado e seu presente (...) bem como de seus desejos e expectativas futuras. Nesse sentido, é fundamental um olhar do sujeito para si próprio, a busca de um espaço para autoconhecimento e a revisão de prioridades, que tendem a facilitar a elaboração de novos projetos de futuro. É preciso estabelecer novas referências em atividades que preencham o vazio deixado pela centralidade do trabalho (SOARES e COSTA, 2011, p. 45).

O tempo livre abordado acima como um ponto negativo pode ser visto com uma vantagem desse estágio, uma forma de recompensa por todo tempo utilizado em função de um objetivo só. Portanto, é nesse processo de desengajamento que o sujeito pode

administrar seu tempo de acordo com seus interesses e vontades, o que permite que o mesmo ressignifique toda uma estrutura de labor. De fato, é a hora de refletir e experienciar os novos planejamentos, priorizando o sujeito como um todo.

Seguindo esse pensamento, esse período é a chance de reestruturar as ideias de valores do aposentado em questão. Um momento de rever prioridades, adequando-se ao novo estilo de vida. A retomada ou manutenção das relações que de fato importam é um exemplo disso, dedicando-se àqueles com que realmente se tem uma relação de afetos e não apenas interesse em função de uma posição ocupada. A transição para essa fase também proporciona uma construção de novos pontos de referência. Destarte,

A aposentadoria pode se apresentar como um tempo de reconstrução de novos investimentos e de novas descobertas.(...) Por outro lado, projetos criativos, elaborados a partir da tomada da consciência da sua situação de sujeito socialmente construído, pode lhe oportunizar um novo relacionamento com a vida e o aproveitamento desse tempo livre de que dispõe, a despeito de todas as limitações que lhe são impostas (PACHECO, 2004, p. 221).

É preciso entender, que para que haja um novo investimento na vida do aposentado, ele necessita compreender e aceitar essa sua nova condição. Caso contrário, o que pode ocorrer é um reflexo de uma cultura consumista causando a ilusão de um tempo livre, que se baseia apenas no consumo. O que prejudica ainda mais a visão do sujeito de si, afinal para este já não compete o consumo de um trabalhador assalariado. Por isso, as escolhas nesse momento devem ser consequências de uma assimilação de si, como sujeitos que são fabricados pela sociedade, e assim ter a clareza dos estágios da vida, como a aposentadoria com seus aspectos positivos e negativos.

Em muitos casos, os aposentados, por necessidade ou interesse por manter/expandir vínculos sociais para além da família, possuem o interesse de retornar ao mercado de trabalho. Mas essa é uma situação delicada, pois dependendo do cargo ocupado anteriormente, exigem-se atributos que na atual condição não contêm mais. Por exemplo, há profissões que exigem do trabalhador força física, atualização tecnológica, flexibilidade para mudanças. Mas também há aquelas profissões que exigem experiência como um conhecimento especializado (FRANÇA, 1999).

Por isso, é importante que o ex-trabalhador aprenda a lidar com sua atual realidade para que possa adaptar-se a essa nova estrutura. Logo, se for essa sua opção, a de conquistar outro emprego, o mesmo deve ter consciência de suas características para um trabalho ideal. Para isso, é de grande importância que o trabalhador ainda ativo planeje seu futuro, principalmente perto da chegada da aposentadoria.

1.5 O contexto da aposentadoria

Você pode até me empurrar de um penhasco que eu vou dizer:

- E daí? Eu adoro voar!¹⁴

Clarice Lispector

Primeiramente, é importante ressaltar que, para que a realidade da aposentadoria aconteça de forma mais natural e tranquila, é preciso que haja um planejamento. Desse modo, a aposentadoria pode ocorrer de maneira que o sujeito se coloque ativo, protagonizando suas próprias escolhas.

O planejamento de qualquer objeto ou ação é como uma orientação para seu sucesso. A possibilidade de acontecer exatamente como planejado é mínima, porém proporciona uma visão clara de seu objetivo como os caminhos para atingi-lo. E isso não se difere ao falar de aposentadoria. A maior parte dos aposentados não planejou sua vida atual quando estavam trabalhando, devido a diversos fatores como a falta de tempo e falta de renda. Com isso então, ao chegar à aposentadoria perdem-se com o novo padrão de vida. Para que isso seja desenvolvido, é preciso

(...) que essas atividades, alternativas ou não, partam do próprio indivíduo e principalmente estejam relacionadas com seus desejos. A questão é se o indivíduo ao longo da vida refletiu sobre seus interesses, motivações e papéis representados. O que constatamos é que muitas pessoas mantêm-se acomodadas e alienadas diante de seu futuro (FRANÇA, 1999, p.9).

A organização também pode contribuir para que essa fase que chega para o trabalhador não se coloque de forma tão impactante. A empresa que oferece não só um ambiente favorável para seus empregados, como uma assistência que permita que o sujeito se planeje em relação a seu futuro, principalmente em relação à aposentadoria, propicia benefícios à empresa e ao trabalhador. O mercado acaba por ter uma imagem dessa empresa mais positiva e o trabalhador não assimila essa fase de forma tão impactante, o que poderia resultar em conflitos existenciais.

Ademais, pensando nos questionamentos que a aposentadoria carrega, surgem no Brasil, no final da década de 1980, os Programas de Preparação para Aposentadoria (PPA). Os PPAs tiveram origem nos Estados Unidos, na década de 1950 (SALGADO, 1980). No início, os programas baseavam-se apenas em oferecer informações sobre o

¹⁴ Este é um trecho que aprendi com Ana Lúcia, minha supervisora de quando estagiei no PROSA. Era uma forma de mostrar aos aposentados uma nova possibilidade diante das dificuldades.

sistema de aposentadorias e pensões. Já no Brasil, o pioneiro PPA realizado foi no Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010).

Para tanto, o PPA é uma forma de auxiliar o trabalhador a se preparar para o fim da vida laboral e o início dessa nova fase que é a aposentadoria. Nesse sentido, não é só dever do governo como também dever das empresas privadas oferecer espaço para comunidade com esse intuito (FRANÇA, 1999). Segundo o artigo 28, Inciso II do estatuto do (Lei N° 10.741), de 1 de outubro de 2003, é responsabilidade do poder público criar e estimular programas de preparação dos trabalhadores para a aposentadoria com o período mínimo de 1 (um) ano, através de estímulo a novos projetos sociais, de acordo com seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania.

No entanto, o PPA pode atuar menos com um caráter informativo, dando lugar para uma posição mais sociocultural, permitindo o desenvolvimento de serviços à comunidade, como voluntariado, a partir da aposentadoria (ZANELLI, SILVA e SOARES, 2010). Com isso, o programa tem promovido reflexões para aos participantes, abordando novos/retomadas de projetos de vida, o qual possibilita, acima de tudo, a troca de experiências. É nesse contexto que

A reflexão do projeto de vida, nos programas de preparação para a aposentadoria, deve perpassar também pelo trabalho e de que forma ele influenciaria seu bem-estar na aposentadoria. Isto se justifica pela identidade, autoestima e a pertença ao trabalho, principalmente porque as pessoas passam a maior parte do seu tempo nas organizações. (FRANÇA, MENEZES, SIQUEIRA, 2012, p. 735).

Esse é um meio de elaborar a aposentadoria de forma que ela tenha uma visão mais leve, em que o choque dessa nova fase seja o mínimo possível e as oportunidades a partir dela sejam mais esclarecidas. Projetos como esses devem ser incentivados cada vez mais para que o sujeito possa entrar nessa fase consciente de todo o seu panorama.

1.6 O reconhecimento no cenário do trabalho

*É, às vezes o que é bom pra você,
outros tão dispensando e não quer nem saber.
Tu tá se matando e lutando pra ter,
outros tão só gozando e tirando um lazer. São
diferenças sociais, são diferenças extremas, são
diferenças desleais. Pra uns é mó sofrimento,
pra outros fácil demais.¹⁵*

Rael.

¹⁵ Trecho da música do cantor de rap Rael, "Diferenças", do álbum "Ainda Bem Que Segui as Batidas do Meu Coração", de 2013.

A relação entre o trabalho e o reconhecimento também é uma questão a ser debatida, pois favorece a dependência do indivíduo com o seu emprego, o que influencia diretamente nesse processo de aposentadoria. O trabalhador que constrói um vínculo positivo com sua vida profissional, tendo o reconhecimento por parte de chefia e colegas, certamente será mais dependente a esse laço, sendo mais dificultoso o afastamento do emprego para a transição para a aposentadoria. Porém, isso não quer dizer que aquele que não construiu um laço tão positivo com o seu trabalho não passe por dificuldade nessa transição (VIEIRA, MENDES, MERLO, 2013).

Contudo, o efeito da aposentadoria é repercutido pelo valor que é dado ao trabalho, ou seja, é a posição de relevância que ele ocupa na vida da pessoa. Dependendo do investimento que se faz na atividade laboral, isso gera um grau de dependência com seu emprego. Nesse sentido, pode ocorrer de o trabalho ser fonte de toda construção tanto pessoal como profissional, ou do próprio conseguir administrar sua vida pessoal e profissional distintamente. De qualquer maneira, o que importa é como o sujeito mantém sua relação com o trabalho e conseqüentemente, com o fato de não de trabalhar.

É de acordo com esse investimento ao mundo do trabalho que se pode compreender o choque com a chegada da aposentadoria. Se o sujeito construiu um laço de dependência forte com o seu emprego, isso pode gerar uma crise identitária, econômica e social. Com isso, pode se ter a compreensão de que esse âmbito construído do trabalho como centralizador pode ecoar em diversas áreas da vida do sujeito.

Além disso, esse valor ao trabalho deve ser investigado para aquele que vai se aposentar. Pois o trabalho pode ser colocado em aspectos como prazer ou ser apenas uma fonte de sobrevivência. E isso se dá em uma sociedade aonde é atravessada por uma desigualdade social, em quem nem todas as pessoas possuem a oportunidade de escolher suas profissões ou dispor de um emprego que cause satisfação. Logo, essa situação passa a atingir a aposentadoria como relata França (1999) a seguir:

Entretanto, mesmo que a profissão não tenha sido planejada, as pessoas acabam se adaptando a determinadas situações que estão implícitas no trabalho. O salário em si, o prazer do próprio “fazer”, o ambiente, o percurso para o trabalho, o status e poder que alguns cargos conferem as relações e os clientes, (...) fazem parte de uma história de vida da qual o indivíduo muitas vezes não quer se desligar, até porque nem sempre identifica as possibilidades de substituição. Abdicar de tudo que o trabalho envolve pode ser muito difícil. (p. 10).

Por conseguinte, o problema não está na aposentadoria, pelo ao contrário, este é um benefício conquistado historicamente, um direito dos trabalhadores. O problema está em como está organizada a vida do sujeito em relação à importância que deu ao trabalho e às relações sociais que construiu, podendo ou não ser mais difícil lidar com a vida de aposentado (ZANELLI e SILVA, 1996).

Longe de esgotar os questionamentos acerca do tema, é preciso abordar afora o conteúdo já levantado, que as relações sociais são de grande relevância para compreender a aposentadoria. Logo, é nesse contexto que a questão de gêneros é debatida. Afinal, desde o início da sociedade a divisão sexual do trabalho está presente na vida dos trabalhadores. E mesmo assumindo posições diferentes de acordo com o tempo e espaço, a mulher ainda sofre diferenciações perante o homem. Historicamente, o valor do trabalho da mulher se manteve inferior ao do homem (BRITO e OLIVEIRA, 1997).

Diante disso, percebe-se que por uma dominação masculina que foi construída de acordo com as culturas, a figura da mulher sobreviveu a par da sociedade baseada na lógica do trabalho. E quando foi inserida sofreu, como ainda sofre nos dias atuais, subordinação a figura do homem, mesmo em alguns casos ocupando o mesmo cargo.

Por fim, pode se dizer que é partir dessa diferença de gêneros que o homem e a mulher vão aderir e apreender a aposentadoria de maneiras distintas, fruto de uma construção laboral a partir de uma hierarquia social (BRITO e OLIVEIRA, 1997), assim tema este abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: RELACIONANDO OS GÊNEROS¹⁶

2.1 A concepção de Gênero

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.¹⁷

Meyer

Em um momento de tantas mudanças na sociedade brasileira, falar de gênero torna-se quase que obrigatório, se torna fundamental. As relações de gênero foram e ainda são pautas de muitas discussões na atualidade. Debates como esses demonstram como essas relações podem interferir de forma profunda a maneira de ver o outro e a posição que cada sujeito pode ocupar em uma sociedade. Segundo Scott (1995), “aquelas pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história” (p.71). E é nesse sentido que o termo gênero é constituído, sendo traduzido de acordo com o tempo e a sociedade.

A discussão de gênero desenvolve-se ao longo de décadas e é uma temática que, além de influenciar questões sociais, políticas e econômicas, perpassa também por diferentes instituições e áreas, como família, trabalho, violência, sexualidade e a própria biologia. Dessa maneira, percebe-se que a questão gênero está ligada a uma constante construção, o que permite influenciar o ser humano no seu contexto e no seu agir no mundo. Com isso, afirma-se que o termo não está ligado a um determinismo.

Para Meyer (2013), a ideia de gênero começa a aparecer a partir da segunda¹⁸ onda do movimento feminista, que ocorreu nos países ocidentais nas décadas de 1960 e 1970. No Brasil, esse movimento acontece no início da década 1980, envolvida nos fluxos de

¹⁶ No caso desta monografia especificamente, os gêneros explorados estão ligados à figura do homem e da mulher, em função de atingir o objetivo da proposta.

¹⁷ Meyer (2013).

¹⁸ De acordo com Meyer (2013), a primeira onda do movimento feminista deu-se em volta do movimento sufragista, em que as mulheres lutaram por seu direito de votar. No Brasil, seu início foi em 1890, com a Proclamação da República, e só terminou quarenta anos depois, quando o direito de voto às mulheres foi instituído na constituição de 1934.

oposição ao governo da ditadura militar¹⁹ e em seguida, aos movimentos de redemocratização²⁰ da sociedade. Essa segunda onda foi marcada por uma preocupação com o conhecimento, baseado no aprofundamento dos estudos sobre as mulheres. Este tinha o objetivo de tentar divulgar e compreender a subordinação social e política das mulheres advinda de um contexto histórico. Então, foi a partir disso que se pôde criar “outras formas”²¹ de intervenção de enfrentamento para combater esse quadro. Em resumo,

A história do feminismo é registrada em sucessivas ondas. A primeira onda foi o movimento Sufragista, a luta pelo voto feminino. (...) precedida pela conquista do direito da mulher à educação. A segunda onda foi o movimento de libertação das Mulheres, na década de 1960 (CARVALHO, 2009, p.15).

Os estudos sobre a história mulheres se deram-se de forma coerente e profunda. Com isso, esse movimento pôde proporcionar, acima de tudo, uma real consciência sobre as mulheres, com os seus diferentes grupos, suas condições, posições sociais, a opressão que sofriam, a dominação masculina sobre elas, entre outros pontos. Foi diante disso que o movimento se tornou cada vez mais autêntico, permitindo a aproximação com diferentes linhas de pensamento, como a psicanálise e a teoria marxista. Além disso, estudiosos da época ainda seguiram diferentes caminhos de pesquisas – como por meio da biologia e da teologia. É dessa maneira que as mulheres legitimam seu contato com a academia.

Como consequência desse processo,

(...) As feministas se viram frente ao desafio de demonstrar que não são as características anatômicas e fisiológicas, em sentido estrito, ou tampouco desvantagens socioeconômicas tomadas de forma isolada, que definem diferenças apresentadas como justificativa de gênero (MEYER, 2013, p.16).

Como resultado concreto desse movimento, houve, nas universidades francesas, por exemplo, o desenvolvimento de cursos, colóquios e grupos de reflexão. Além disso,

¹⁹ A Ditadura militar foi uma forma de governo no Brasil no qual os militares comandaram o poder político. O regime militar durou cerca de 21 anos (entre 1964 e 1985). Em 1 de abril de 1964, o governo de João Goulart - após renúncia do presidente Jânio Quadros - sofreu um golpe por ação militar, sendo retirado de seu cargo. Neste período, o país passou por um delicado momento. O Brasil passou por faltas em relação ao processo de democracia, além censura e perseguição política. Vários direitos constitucionais foram violados durante a ditadura militar e inúmeras pessoas que eram contra o regime foram torturadas e mortas por alguns dos militares.

²⁰ A Redemocratização no Brasil foi o processo de recuperação das instituições democráticas anuladas pelo Regime Militar, iniciado em 1964 e que aplicava desde então um regime de exceção e censura às instituições nacionais. Esse período teve início com governo de Ernesto Geisel, até as eleições indiretas de Tancredo Neves. No entanto, o mesmo faleceu poucos dias antes de assumir o mandato, determinando a eleição de José Sarney. Com ele, foi iniciado o período chamado como Nova República.

²¹ Uma vez que essas intervenções já vinham sendo realizadas há centenas de anos, por mulheres das classes trabalhadoras que, por necessidade, acabavam por exercer além do lar, atividades fora como forma de subsistência. Seguindo o mesmo processo com a industrialização (BOFF, 2010).

houve um aumento significativo das pesquisas, o que auxiliou para um maior conhecimento da história das mulheres, o que permitiu que essa luta ganhasse espaço não só no campo social como também no acadêmico. Esses estudos se expandiram também para outras partes do mundo, como a Europa e próprio Brasil (SOIHET, 1997).

A partir disso, o movimento feminista passa a desenvolver um tipo de pensamento a respeito das diferenças entre os sexos, no qual o viés biológico é totalmente ignorado. Assim, esse pensamento defende que as distinções referentes entre os sexos feminino e masculino comprovadas na sociedade não são atribuídas por questões biológicas. Essas diferenças entre homens e mulheres são desenvolvidas baseadas por suas características de como são vistos e representados, de como agem no público e privado. Desse modo, a construção de homem e mulher vai se colocar constituída a um determinado lugar, com sua cultura e tempo histórico. Portanto, o termo que rejeita seu teor biológico ressalta, como diz Scott (1995), uma análise sob um lado social.

É diante desse contexto que o grupo de feministas americanas passa a inserir a palavra gênero²² na sua luta contra a submissão e a falta de olhar feminino. Seguindo a genealogia de Soihet (1997), o início do termo se deu em 1970. Já para Boff (2010), a categoria de gênero foi a partir dos anos de 1980. O movimento feminista americano enfatizava principalmente as diferenças sociais diante dos sexos masculino e feminino. De forma mais específica, esse movimento questionava a dominação masculina diante da atuação feminina e como isso foi construído social e culturalmente, com seus conflitos e definições de papéis (BOFF, 2010).

Ainda que o movimento tenha passado por muitas resistências e o termo tenha adquirido variações em seu significado, não foram poucas as correntes feministas que foram aderindo seu uso. Ademais, embora o gênero tenha se tornado parte da linguagem das feministas, foi só no fim do século XX que ele se coloca como uma categoria de análise das relações. Sendo assim, uma forma “da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens” (SCOTT, 1995, p. 85).

Nesse sentido, o gênero passa não apenas a fazer parte de um vocabulário, mas passa assim a reconhecer as relações, identificando-as e diferenciando-as. A partir disso, ao discutir gênero, questionam-se as diferenças entre as relações. A história das mulheres

²² No original, adotado como gender (MEYER,2013).

então passa a ser vista de forma contextual, de acordo como o gênero identifica essa categoria, diante dessas diferenças. Sua subordinação aos homens em um determinado momento, suas reivindicações em outro momento, os movimentos feministas, tudo faz parte da história de classe das mulheres, sendo tudo analisado por gênero. Nessa conjuntura, a categoria gênero passa a englobar construções sociais, culturais e até linguísticas. Em vista disso, pôde se perceber as potências que há no ser humano, com sua diversidade de relações como pessoas.

Consequentemente, os grupos produzidos diante da ideia de gênero colocam-se como temporais, de acordo com cada corpo social. E acima de qualquer categoria, essa ideia deve ser pensada baseada na pluralidade, nas práticas sociais e suas repercussões (GAMA, 2014). Dessa forma, o gênero permanece sendo um meio de expor tanto a organização social de uma determinada cultura, quanto a hierarquia e as desigualdades sociais pertencentes a ela. Logo, esta se coloca como mutável, pois, afinal, nada é dado, natural, e sim construído historicamente. Soihet (1997) ainda concorda que o gênero está relacionado às mulheres e aos homens, não sendo possível estudar uma condição somente, já que estão vinculadas. Assim, gênero carrega um peso que atravessa culturas, trazendo embates entre homens e mulheres, definindo seus papéis no mundo. Ademais, essas relações carregam uma marca de poder, consequência advinda das distinções dos sexos (BRITTO e OLIVEIRA, 1997).

Seguindo o pensamento de Scott (1995), gênero está diretamente ligado aos estudos das mulheres. Desse modo, ele acredita em um aspecto de gênero que propõe um olhar para com a história das mulheres. Apesar disso, essa é uma posição que não consegue ter uma análise que seja suficiente para modificar os paradigmas impostos historicamente. De outro modo, Scott (1995) acredita que, para além de substituir o termo “mulheres”, gênero possibilita um estudo e aprofundamento de ambos os sexos. Ao falar dos estudos sobre as mulheres é preciso também falar sobre os homens.

A partir disso, ressalta-se que um faz parte do mundo do outro, que as mulheres são inclusas no mundo de dominação dos homens. Isso enfatiza a ideia de que uma categoria não sobrevive isolada sem interagir com a outra. Por isso, há a necessidade dessa relação. Como consequência, o gênero torna-se ativo no sentido de ter um envolvimento na construção de uma cultura.

Por assim dizer,

Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero”

tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

No entanto, apesar das afirmações, em momento algum o gênero tem a intenção de uma alteração na relação entre homem e mulher, expressando uma forma de como ela deve se desenvolver. E ainda, que seguindo este pensamento, esteja certo que neste presente trabalho, serão levantadas algumas mudanças ocorridas nessas relações.

Abordando ainda sua reflexão, Scott (1995) afirma que o gênero se dá por dois vieses. Por um lado, estabelece-se como um componente das construções das relações sociais, baseadas nas diferenças dos sexos. E, por outro lado, envolve-se nas relações de poder, significando-as. O autor ainda discorre sobre os campos em que o gênero é composto segregado sexualmente, uma vez que estes ambientes, como o mercado de trabalho, a educação e o sistema político, ainda eram dominados por homens. É nesse contexto que as relações de poder se exaltam, favorecendo o patriarcado e propondo às mulheres uma mera submissão.

Ao mesmo tempo em que o gênero enfatiza as diferenças quando não biológicas, mas sociais entre os sexos, o termo possibilita uma visão para a diversidade (MEYER, 2013), afinal a posição de mulher não é definitiva, não há um único tipo de mulher. O que há é uma diversidade de sujeitos dentro de uma esfera que é o gênero. Logo, ao adentrar nessa temática, conclui-se que gênero, além de abordar questões das diferenças sexuais, também enfatiza a diversidade humana, como os diferentes tipos do ser humano, como suas classes, raças e níveis sócio-econômicos. Através dessa visão, entende-se que gênero carrega consigo um peso intenso ao descrever as relações sociais.

Perante o que já foi exposto, é necessário destacar que, dentro dessas modificações envolvendo os sexos masculino e feminino, estão presentes papéis que são e podem ser experienciados de maneiras variadas, por grupos diferentes em épocas distintas. No entanto, um fato certo de ser lembrado é que as mulheres passaram muito tempo sendo invisíveis, comportando-se a partir de um molde machista, como único meio de viver. Por conseguinte, reduzindo-se a um papel secundário, elas então não tinham voz em uma sociedade articulada por homens. Estes que se colocavam como deuses, orientavam a vida feminina, mostrando o que é o certo e o errado, segundo as suas concepções.

No século XVII, por exemplo, a questão da castidade da mulher era um tema muito abordado na época. No entanto, essa questão tem um olhar muito mais amplo que sua concepção sexual. Essa perspectiva é uma a maneira de perceber a passividade da

mulher diante a poder masculino, em que anula com isso, o seus desejos. Os moldes do machismo trazem ainda consigo um modelo de mulher ideal, a mulher recatada. Assim, “o recato deveria ainda exercer função coercitiva, da maneira de olhar, falar, imaginar e pensar das mulheres da época” (CORDEIRO, 2014, p. 52), o que permitia uma falsa liberdade feminina.

No século XVIII, as mulheres foram comparadas aos homens, em que colocadas em uma posição de completá-los, sua forma de expressarem-se se restringiam ao privilégio de serem as responsáveis por cuidar, de maneira tão eficaz como faziam, do lar, do local privado, enquanto o eles dominavam e controlavam o ambiente público (BADINTER, 1991). Isso é uma demonstração da distinção de papéis entre os sexos, em que o homem era de fato visto como superior, e com isso, cabia às mulheres apenas respeitar suas regras. Como consequência desse quadro, as mulheres se viam submetidas a uma cultura que as tornavam coadjuvantes dos seus próprios destinos, controlando sua autonomia como até mesmo sua sexualidade.

Com isso, surgem as relações de poder, o que pôde ser melhor compreendido após todo o conhecimento adquirido com o movimento feminista. O movimento ganha seu espaço e questiona o patriarcado que corrói a sociedade. O machismo sempre esteve e ainda está entranhado nas raízes na sociedade brasileira, sendo tratado como algo natural, onde até mesmo as mulheres o reproduzem. Diante disso, o feminismo, com a sua diversidade, o coloca em questão, combatendo o poder masculino e problematizando essas relações de poder. Momento esse que Simone de Beauvoir (1980) já havia abordado, com o seu pensamento de que nós não nascemos mulheres, e sim nos tornamos mulheres. Ou seja, muitas vezes o papel social nos foi designado como um padrão a ser seguido. Mas a partir de toda análise e estudo feito, compreende-se que isso pode ser mudado, criando estratégias e intervenções que nos mantenham ativas na sociedade.

Por fim, como uma visão pessoal, acredito que, por ressaltar as diferenças presentes na sociedade, o termo gênero acaba por ser visto de forma negativa. Com isso, através de estudos, como por redes sociais percebo uma luta para combater essa construção de desigualdades. Dessa maneira, têm se tornado comum entre os meios de comunicação o uso da expressão “desconstrução de gêneros” como forma de se opor a essa conjuntura. Diante dessa visão, percebe-se uma realidade de identidade não binária, em que essa desconstrução faz parte, trazendo à superfície pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino, nem com o feminino (VIEIRA, 2015). Desse modo, elas

não atendem um modo de ser pré-estabelecido em que se encaixe em cada categoria de gênero, o que rompe com qualquer padronização estipulada pela sociedade. No entanto, é necessário, como aponta ainda Vieira (2015), em um periódico na Revista Fórum, olhar para o outro como sujeito e não como objeto da ideia de gênero.

Como conclusão, pode se pensar que com a visão de Boff (2010), quando diz que o masculino e o feminino são princípios que, a partir deles, as relações vão se exercendo e se desenvolvendo, o que permite que indivíduos, nas suas diversas formas de expressões, emerjam. Assim, “masculino e feminino, como princípios, significam um jogo de relações que continuamente constróem o humano como homem e mulher” (BOFF, 2010, p. 70).

2.2 A soberania masculina

Os homens (e as próprias mulheres) não podem senão ignorar que é a lógica da relação de dominação que chega a impor e inculcar nas mulheres, ao mesmo título das virtudes e da moral que lhes impõem todas as propriedades negativas que a visão dominante atribui à sua natureza, como astúcia ou, para lembrar um traço mais favorável.²³

Bourdieu

De início, é fundamental que nos coloquemos em nossos lugares. Cada um de nós, antes de qualquer definição, somos seres humanos. Palavra essa que nós categorizamos que não é reconhecida, pois, concordando com o pensamento de Boff (2010) ninguém encontra com um ser humano na rua e sim com suas definições já estabelecidas como um homem ou uma mulher. Somos seres desejantes (BOFF, 2010), que movidos por essa estrutura, agimos no mundo. E como consequência, temos a capacidade de modificar o ambiente, de tal maneira a ponto de dominá-lo. Diante disso, inicia-se uma história de dominação.

Desde que nascemos, somos inseridos em uma sociedade com uma determinada cultura, costumes, línguas e normas. A partir disso, esse meio passa a nos determinar e influenciar a construção de si. Desse modo, passamos a naturalizar tudo aquilo que está a

²³ Bordieu (2002).

nossa volta, podendo se tornar comum em nosso cotidiano. E isso não é diferente quando falamos da dominação masculina. O machismo²⁴ coloca-se tão enraizado na sociedade brasileira que é comum as pessoas o reproduzirem sem uma reflexão. Os homens colocam-se muitas vezes ativos nessa lógica, enquanto muitas mulheres, mesmo sendo vítimas o reproduzem²⁵ de uma forma familiar como algo que fosse normal.

Durante anos, as mulheres vêm tentando combater essa relação de poder imposta historicamente. E na atual sociedade, esse é um tema que vem cada vez mais ganhando destaque entre as mulheres e homens (BOFF, 2010). A *internet* e as redes sociais são veículos de extrema importância que também vêm ajudando para a notoriedade dessa discussão. Esse é um processo que causa um empoderamento na visão feminina, o qual a mantêm ativa na sociedade. Poder esse que era até então concentrada nas mãos masculinas, sendo vistos como superior. Ainda como assimila Boff (2010), “o homem fez da mulher a encarnação do outro, no qual se permite descobrir, confirmar e projetar o seu próprio eu” (p.52).

Essa lógica do patriarcado se desenvolve nas diferentes classes e níveis da categoria mulher, ultrapassando barreiras sociais, religiosas, econômicas e políticas. A hierarquia é uma das maiores características do patriarcado, que promove uma diminuição da figura da mulher, tornando-a quem quer que a figura masculina queira (CORDEIRO, 2014). Resultante a essa conjuntura, percebe-se relações de humilhação, marcadas com danos vistos até hoje. Vista como o sexo frágil, a mulher, além de sua identidade, teve também seu corpo aprisionado. Baseando-se em proibições e deveres da mulher ideal, a mulher que devia se dar o respeito, era a própria vítima do respeito que não recebia.

O termo patriarcado aqui utilizado baseia-se na ideia de Pateman (1993), que explica que essa concepção é a gênese de constituição de toda a vida social, em um viés literal – de governo do pai, paterno – estritamente relacionada com o pressuposto de que as relações sociais patriarcais se referem à família.

O patriarcado como organizador da vida feminina estabeleceu-se por onde andava e fazia como dito. Dessa maneira, a mulher passou a ser responsável pelo espaço privado, o lar, exercendo as funções e características que eram para época parte da mulher. Assim,

²⁴ O machismo aqui é usado com uma ideologia, concordando com o discurso do Blog das Feminicantes que aborda o machismo como uma crença, uma estrutura em que oprime (2014).

²⁵ Ainda abordando o Blog das Feminicantes (2014), este afirma que o machismo beneficia somente os homens e a que as mulheres que reproduzem essa lógica machista o fazem por serem socializadas nesse sistema, seguindo uma conduta a eles ensinada durante o processo socializável.

o ambiente privado passa a fazer parte do domínio da mulher, tornando-se natural. Como a própria Simone Beauvoir (1970) descreve no livro, *O Segundo Sexo*, a mulher, ao permitir viver em função do homem, abdica de sua vida, deixando de se tornar protagonista da própria história.

Assim como descreve Bourdieu (2002),

Cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos, espetaculares (...) As mulheres pelo ao contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêem ser-lhes atribuídos dos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos (...) (BOURDIEU, 2002, p.41).

A concepção do homem como soberano tem como consequência a construção de uma cultura baseada no patriarcado, refletindo de forma significativa o cotidiano dos próprios homens, mas principalmente das mulheres. A repercussão desse modo de viver pode ser visto em diferentes maneiras, como nas práticas sociais e na linguagem (exemplo disso está nas músicas, na televisão e nas diferentes mídias).

A linguagem é uma forma de o ser humano se expressar e de agir no mundo. Com isso, tornou-se alvo do contexto patriarcal, construindo-se de algumas maneiras que favoreceram essa lógica. Formas da linguagem masculina são vistas, por exemplo, quando tratamos uma pessoa do sexo feminino com algum termo no diminutivo e do sexo masculino como um termo no aumentativo. Outra forma seria usar o termo “homem”²⁶ para se referenciar o todo, como uma pessoa, por exemplo: O homem é marcado por atravessamentos culturais. Nessa frase, o homem quer dizer o ser humano (FURLANI, 2013). Este é um quadro que mostra como o gênero masculino foi demarcado.

Outra forma de o patriarcado se expressar é através da literatura infantil, como os contos de fadas, que promovem uma idealização de um príncipe que é forte, rico e salva a princesa, que é colocada como delicada e recatada, das mais perigosas situações. Contos como “A pequena sereia”, “A Bela e a Fera”, “Cinderela” e “A Branca de Neve”, são alguns exemplos de histórias clássicas que reproduzem esse poderio masculino. O sexo masculino sempre visto como ativo e o sexo feminino como passivo. Embora isso, atualmente as concepções de contos de fadas tem se alterado, onde uma nova visão se instala nas histórias infantis, colocando a figura feminina como protagonista de sua história e não mais o príncipe. Exemplos dessa nova geração de história são “Valente” e

²⁶ Não são considerados, nesse caso, a origem e o significado da palavra Homem.

“Frozen: uma aventura congelante”, fora as releituras das histórias clássicas como “Malévola” e “Branca de Neve e o Caçador”.

E, como em outras áreas, a igreja também é atravessada por questionamentos patriarcais, a partir de um viés de dominação masculina. Exemplo disso está nos escritos da Bíblia Sagrada, como no Segundo Testamento, em que o Deus é Pai – referenciando o sexo masculino – de um filho homem – repetindo a referência – de uma mulher virgem. Essa mulher se mantém inerte a todo o momento da história, aceitando uma concepção advinda do Deus Pai. Isso só mostra a pertinência de seu domínio. Essa mulher como outras personagens da Bíblia, colocam-se nesse lugar de secundária, mobilizando-se em função de alguém que possui mais poder, no caso, o homem. Nessa esfera baseada na igreja, Pinto (2010) afirma que “a Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas insofismáveis” (p.15).

Como falado anteriormente, foi a partir da segunda onda do movimento feminista que houve um investimento nos estudos sobre as mulheres. Com isso, pode se encontrar diversos estudos com novas temáticas ligadas ao sexo feminino, como a sexualidade e a maternidade. Posto isto, pode-se encontrar também uma vertente nos estudos que procuram abordar a situação da mulher, não mais como vítima, e sim como ativa de sua própria história, ativa na busca de seus direitos e na procura das suas reivindicações. Soihet (1997) ainda ressalta contribuições para o movimento feminino no Brasil que conta Miriam L. Moreira em sua obra sobre a biografia de Maria de Lacerda de Moura, tratando de concepções como a condição feminina.

Já em uma visão marxista, Soihet (1997) relata que essa ideologia não considera a questão feminina como principal, tendo a visão de que a divisão/diferenças entre os sexos é uma problematização secundária. Logo, é diante da solução de sua questão principal que é a mudança no modo de produção com uma sociedade sem classes, que, por conseguinte ao que é secundário, também será resolvido. Por assim dizer, o marxismo não acreditava que a diferença entre sexos influenciava a lógica do trabalho de maneira crucial. No entanto, para Saffioti (1992), pode se encontrar entre os adeptos ao marxismo, o feminismo marxista em que podia ser dividido entre aqueles que admitem a submissão do patriarcado ao capitalismo ou aqueles que não se submetem.

A relação entre os gêneros amplia-se num sentido em que o homem como impuro e manipulador é comparado com a sociedade que pode ser corrompida e poluída,

enquanto a mulher, vista como passiva e genuína, é comparada com a natureza, que é algo virtuoso e puro. Nesse sentido Boff (2010) descreve essa relação

Provavelmente a vontade de dominar a natureza levou o homem a dominar a mulher, identificada com a natureza pelo fato de estar mais próxima aos processos naturais de gestação cuidado com a vida. O grave é que os homens conseguiram naturalizar essa dominação histórica e introjetá-las nas mulheres, a ponto de muitas aceitarem essa situação como normal. (BOFF, 2010, p.52).

Como consequência desse processo, encontra-se o corpo. Este faz parte da identidade do sujeito, a qual expressa sua realidade e suas concepções. O corpo coloca-se como um produto social que responde também às questões culturais de um determinado contexto. Assim como afirma Bourdieu (2002), “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante” (p.17). Dessa forma, o corpo torna-se essencial no quesito das relações de poder entre o homem e a mulher. O corpo da mulher é fruto do machismo que abarca a sociedade. Através de como agir, vestir e se expressar, a figura masculina submeteu a figura feminina a um modelo de vida como queria.

Na família tradicional, percebe-se essa questão do corpo de modo evidente. A mulher que possuía um papel específico tinha como a principal função a procriação. Sendo submissa ao marido, a esposa devia respeitar e obedecer a suas regras. No entanto, foi com a transição para a família nuclear e com a inserção da mulher no mercado de trabalho que esse quadro se altera, diminuindo aparentemente as diferenças sociais entre as figuras do homem e da mulher (SOIHET, 1997). Entretanto, por uma visão capitalista, a mulher ainda se colocava inferior, sendo sinônimo de fragilidade.

Nessa perspectiva, Morgante e Nader (2014) afirmam que

O uso de patriarcado, enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais (p.3).

Isso nos mostra que muito em nossa sociedade contemporânea possui uma raiz no patriarcado. São detalhes do cotidiano que nos fazem reproduzir esse discurso. Apesar disso, parte desse discurso se desenvolve de maneira alienada²⁷, quase sem percepção da

²⁷Como exemplo, venho acompanhando há tempo as redes sociais, no intuito de perceber a compreensão das pessoas acerca desse tema. As redes sociais são bastante utilizadas para abordar questões do cotidiano e como problematizações refletidas da sociedade. Ao decorrer de minha análise, percebo discursos contra a luta diária das mulheres em conquistar seus espaços. De forma mais além, esses discursos são justificados por fundamentações superficiais, como a mulher ter uma data comemorativa. Esse fato, no entanto, não é mais que um reconhecimento de toda a história das mulheres de sua luta,

real dificuldade perante a história das mulheres. A intuição feminina, como muitos acreditam, é fruto dessa ideologia patriarcal. Bourdieu (2002) aborda esse tema como uma lucidez especial dos dominados, o qual estimula ou mesmo obriga que as mulheres tenham, através da atenção e observação, a capacidade de adivinhar desejos e prever desacordos. Contudo, “a força masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem a necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BORDIEU, 2002, p. 17).

Desse jeito conclui-se que o patriarcado ainda é presente em nossa atual sociedade, expressando-se de diversas formas. É preciso então refletir mais sobre esse tema com uma compreensão de estar aberto para o outro, principalmente para a história da mulher marcada por muito sofrimento e humilhação. Logo, é através dessa tomada de consciência que essa luta diária valerá a pena, tornando o espaço da mulher fundamentado e efetivo.

2.3 A entrada da mulher no mercado de trabalho

As relações de gêneros tomadas como relações sociais que se baseiam numa relação hierárquica entre os sexos e um paradigma das relações de dominação estão em tensão permanente em torno da divisão sexual do trabalho(...).Essa visão das relações sociais permite compreender a natureza das grandes questões que hoje incidem sobre a divisão sexual do trabalho.²⁸

Gama

As primeiras organizações de trabalho se iniciam com as sociedades de caça, nas quais o homem instaura seu reinado, com a lógica do mais forte comandar, passando a ter vantagens sobre os mais fracos, como mulheres e crianças. Com isso, inicia-se uma construção competitiva centralizada no poder masculino. Então, é a partir desse tipo de sociedade que as relações de força começam a ser exaltadas. Como consequência disso, o homem, que se torna dominador, passa a ser responsável pelo local público, enquanto a mulher, pelo espaço privado (BOFF, 2010).

que como as minorias (por exemplo, índios e negros), passaram por um processo de sofrimento em busca de seu espaço (GOELLNER, 2014).

²⁸ Gama (2014).

Mas esse quadro começa a mudar com a Revolução Industrial²⁹, com a entrada da figura feminina no mercado de trabalho, passando a fazer parte também do âmbito até então dominado pelos homens. Este foi um marco na história das mulheres, o que permitiu que elas fossem inseridas de fato no ambiente público (BOFF, 2010). No entanto, essa inovação na lógica do trabalho, deu-se por uma visão de mão-de-obra barata, recebendo baixos salários, e por uma maior facilidade de disciplina-las. O trabalho das mulheres (junto com o trabalho das crianças) era visto como vantajoso para os donos das fábricas, pois aumentava o número de trabalhadores com baixos custos. Dessa forma, a classe feminina passou a ser explorada no meio do trabalho, com uma carga horária desproporcional ao salário recebido.

Outro ponto que impulsionou a mulher para o mercado de trabalho foram as ocorridas Guerras Mundiais (I e II) em que muitas delas tiveram que ocupar a posição de chefes de família e assumir a economia da casa. Isso as obrigou trabalhar para passar a sustentar a família, ainda que seguindo a lógica de exploração. Além disso, o desenvolvimento do método contraceptivo foi influente para a sua inserção, o qual proporcionou que elas reduzissem a quantidade de filhos que habitualmente concebiam, podendo ter uma melhor organização entre a casa e o trabalho.

Através disso, percebe-se que, apesar das conquistas das mulheres em se inserir no ambiente público, a divisão sexual ainda era muito presente, estendendo-se ao meio organizacional. Desse modo, pode-se dizer que o patriarcalismo está na base do trabalho, hierarquizando as posições de homem e mulher. Essa é uma lógica encontrada até hoje, dos menores aos maiores cargos, o qual a mulher ainda recebe salários diferenciados aos dos homens, mesmo quando ocupam a mesma posição. É o sistema capitalista, em que vivemos, onde a competitividade se mantém oprimindo as mulheres. Resultado disso é a divisão sexual no trabalho. Nesse sentido,

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente (GAMA, 2013, p. 38).

Historicamente, o trabalho masculino possui um valor maior que o feminino. Nesse contexto, a divisão sexual do trabalho estrutura-se de forma hierarquizada, podendo se expressar de diferentes formas de acordo com o espaço e tempo. Esse é um

²⁹ Vista como um aperfeiçoamento da Primeira Revolução Industrial, o qual legitima o sistema competitivo, aderindo mais máquinas que mão de obra, abrindo brechas para a inserção da mulher nesse ambiente (Murano e Boff, 2010).

fenômeno que é consequência das relações sociais de sexo, o que define o papel de homem e mulher (BRITO e OLIVEIRA, 1997). Desse modo, a mulher trabalhadora de fato é definida diferentemente do homem trabalhador, como Scott (1995) relata. E isso se expressa no ambiente público, em que ambos o sexos se encontram, ocorrendo um controle em forma de subordinação do sexo feminino.

No entanto,

É bom destacar que a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto, a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade como uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução (NEVES, 1988, p. 65).

Esse quadro, para além do que já foi exposto, influenciou também as estruturas das famílias tradicionais com seu papel e suas condições, vistas como o homem sendo provedor, dominando a esfera social e a mulher com os trabalhos domésticos, cuidando do marido e filhos, fazendo parte da esfera privada. Assim, as mudanças ocorridas se fizeram marcantes, proporcionando que a mulher também faça parte da responsabilidade econômica. O que repercutiu principalmente nas famílias de média e baixa renda, que se viram necessitadas de ter, não só o homem, como a mulher no mercado de trabalho, para o fortalecimento da renda familiar, que em muitos casos ainda não era suficiente.

No Brasil, essa inferioridade na visão laboral por parte das mulheres é vista atualmente nas organizações. Isso é mostrado através de regras e direitos em que cada categoria possui. Além disso, as tarefas do emprego feminino são vistos como secundários, com pouca valorização. Seus corpos ainda - objeto tanto falado nos movimentos feministas - são também alvo de dominação para o meio organizacional (BRITO e OLIVEIRA, 1997).

A mulher, ao se inserir no mercado de trabalho torna-se assalariada, entretanto, não perde sua função dentro do espaço privado, que a obriga a assumir uma sobrecarga de trabalho. Dessa forma, a mulher passa a ter uma dupla jornada de trabalho, uma no espaço privado e uma no espaço público. Como consequência desse estado, esses sujeitos sofrem um desgaste tanto físico, quanto psicológico, permitindo que o trabalho tenha um controle sobre as atividades e a vida da mulher (BRITO e OLIVEIRA, 1997).

O trabalho feminino desde os primórdios foi vinculado a um trabalho do cuidado³⁰, voltado para tarefas que exigiam da mulher sensibilidade e atenção. Essas

³⁰ Faz parte das atividades relacionadas ao cuidado das pessoas (GAMA, 2013).

atividades que eram aceitas socialmente eram vistas como tarefas familiares, que partiam do papel da mulher. A partir disso, essas tarefas passaram a ser categorizadas como um trabalho feminino, em que se colocavam como básicas (SCOTT, 1995). O trabalho do cuidado, como diz Gama (2014), é “uma atividade feminina geralmente não remunerada, sem reconhecimento, nem valorização social” (p.47).

O trabalho doméstico como parte do trabalho do cuidado era voltado para o domicílio ou contexto familiar. Esse tipo de trabalho fazia parte das responsabilidades da mulher, sem qualquer tipo de remuneração. Como Gama (2013) descreve,

O trabalho doméstico não foi, inicialmente, mercantilizado, mas faz parte do circuito do capital ao participar ativamente da reprodução da força de trabalho. Apesar de não ter sido mercantilizado, esse trabalho foi subsumido e considerado não trabalho por não encontrar na lógica de produção estrita de valor. No entanto, ele participa da produção de valor pelo seu papel socializador na sociedade capitalista (p. 43).

Ainda seguindo o pensamento de Gama (2014), o trabalho doméstico possui características habilidosas e meios de produção específicos para a sua realização. Gerar, parir, amamentar, manter a saúde, preparar os alimentos, manter o ambiente limpo, entre outros, são funções que envolvem o trabalho doméstico. A partir disso, a autora questiona a valorização desse trabalho perante a sociedade. Um trabalho que era dado como fundamental e a sociedade não o reconhecia. E foi nos anos de 1960, com o movimento feminista, que foi questionada a invisibilidade do trabalho doméstico, sendo exaltado ainda o fato de não ser remunerado.

Mas de acordo com a industrialização e a produção capitalista da sociedade, os serviços foram se ampliando, mercantilizando³¹ parte do trabalho doméstico, tornando-se assim remunerado. Dessa forma, parte também do ambiente privado passa a ser domínio também do âmbito público, podendo ser então negociado. Dentre eles, pode se contar com cuidado infantil, lavanderias, fazer comida e outros (GAMA, 2014). Através dessa realidade, a classe de trabalhadoras se diversifica, pois como concorda a autora, as mulheres que vão para fora para trabalhar, passam a contratar outras mulheres para cuidar do trabalho doméstico, dividindo essa classe.

No entanto, ao se falar da questão de ter filhos, esse quadro retorna à sobrecarga. Por um contexto histórico, as mulheres responsabilizam-se mais em cuidar dos filhos que os homens. A partir dessa cultura, mulheres que possuem filhos acabam por abraçar uma rotina de trabalho dupla, em que consiste no trabalho assalariado e na criação dos filhos.

³¹ Termo usado por Gama (2013).

Atualmente, muitos homens e mulheres assumem esse duplo papel, porém ele ainda é predominantemente feminino.

Assim, conclui-se que muito já foi conquistado no âmbito feminino, com os direitos e espaços adquiridos. No entanto, como concorda Cordeiro (2014), os papéis incumbidos às mulheres ainda são pautas de muitos questionamentos na sociedade contemporânea. Isso é fruto de referências tradicionais que são vistas ainda tão presentes. Apesar das conquistas concretizadas e do espaço que possuem de atuação, as mulheres ainda estão ligadas a raízes patriarcais, em que é possível entrelaçar a submissão e dominação masculina em suas vidas.

Em oposição a isso, o patriarcalismo não se mostra tão forte e resistente como já se mostrou, mas é preciso combatê-lo diariamente.

2.4 Envelhecimento e aposentadoria sob uma perspectiva feminina

*Nem toda brasileira é corcunda, nem toda brasileira é bunda, meu peito não é de silicone, sou mais macho que muito homem*³².

Rita Lee e Zelia Ducan

O envelhecimento no Brasil é um fenômeno que tem cada vez mais se tornado amplo segundo (GAMA, 2014), apesar de ainda não ter uma população predominante idosa. O crescente número de idosos brasileiros, como descreve Debert (1999), é constituído em sua maioria por mulheres. Isso proporciona, segundo a autora, a feminilização do envelhecimento. A partir desse quadro, pode-se perceber que as questões de gênero, como em outras fases, também atravessam esse momento da terceira idade. E, de acordo com o envelhecimento, vê-se um acentuado retorno para a divisão tradicional de sexos.

Para Bassit (2002), o processo de envelhecimento tem se tornado bastante dificultoso, já que, não há no Brasil serviços de saúde suficientes para dar conta da necessidade da população idosa. E isso pode atingir de forma direta a subjetividade de cada sujeito.

Os idosos da atual sociedade são pessoas que passaram por ciclos da vida os quais as diferenças sociais de sexo eram determinantes para definir os papéis do homem e da

³² Música esta que se chama Pagu, retirada do álbum "3001" de Rita Lee, no ano 2000.

mulher. Em decorrência disso, percebe-se uma população idosa atual, que mesmo com as mudanças culturais decorridas pelo espaço e tempo, reproduzem um discurso (pelo menos predominantemente) tradicional.

Segundo Debert (1999), a população idosa feminina tende a envelhecer sozinha, sem a companhia de um parceiro, com a reponsabilidade ainda – em muitos casos – de cuidar³³ de outras pessoas, o que dificulta sua passagem pelo envelhecimento. Todavia, a autora concorda que, de forma geral, as mulheres encontram-se em um processo em que sua categoria está desvalorizada. São as mulheres idosas que procuram mais os serviços de saúde que os homens, como procuram mais programas oferecidos à população da terceira idade. Como também são elas que mais sentem a separação dos filhos de acordo com que saem de casa.

Isso pode ser explicado através da expectativa de vida das mulheres. Como as mulheres vivem mais tempo que os homens, elas acabam envelhecendo em piores condições (ATTIAS-DONFUT, 2004). A autora refere-se também às questões sociais da mulher. As desigualdades que sofrem ao longo da vida familiar e da vida profissional as tornam parte de um processo contrariado, acentuado na velhice. A renda da aposentadoria é um exemplo claro disso. As mulheres passam a receber consideravelmente menos que o homem.

A aposentadoria então pode se tornar um período de frustração, refletido por uma vida laboral de desvantagens. Em vista disso, a identidade profissional atrelada à identidade pessoal se coloca como um caminho de realizações insatisfatórias. Assim, como descreve Attias-Donfut (2004), “a melhoria global e importante das aposentadorias não reduziu as desigualdades entre os sexos, que permanecem imensas e refletem na persistência das desigualdades entre eles na vida profissional” (p.92).

Por outro ponto de vista, as mulheres também podem ver a aposentadoria de forma mais clara, como oportunidade de olhar para si, organizando seu tempo e se dedicando às atividades de interesse. E mais ainda, uma forma de recuperar o tempo perdido entre o trabalho, podendo se voltar novamente ao ambiente privado, como socialmente é encarregado para as mulheres. Neste parâmetro, há uma inversão do quadro, já que as mulheres que um dia *invadiram* o espaço masculino, que é o ambiente público, retornam ao ambiente privado e os homens que dominavam o público, com a aposentadoria, se

³³ Uma vez que o papel da mulher historicamente construído era o do cuidado (GAMA, 2013).

inserir no ambiente privado. Diante disso, há um conflito para os homens que, até então, foram criados para dominar o âmbito externo.

Outro fator que influencia a aposentadoria feminina é a escolaridade. A atual geração de aposentadas foi ensinada a se responsabilizar por tarefas domésticas e, por mais que muitas delas tenham se envolvido com o trabalho no ambiente público, sua maior função era cuidar do lar e das pessoas. Decorrente disso, o nível de escolaridade das mulheres, comparado aos homens, é menor, o que as torna menos favorecidas no mercado de trabalho, influenciando o processo de aposentadoria (PEIXOTO, 2001).

Como consequência disso, a relação com o trabalho para as mulheres pode ser menos intensa do que quando falado a respeito dos trabalhadores masculinos, que foram ensinados para isso. Desse modo, os homens dedicam a sua vida laboral para o sustento de sua família, dominando o ambiente social. Com isso, certamente, a ressignificação do valor do trabalho para a classe trabalhadora feminina ocorre de forma flexível, podendo se adequar a essa nova fase e às consequências delas.

Como relata Debert (1999),

A velhice feminina seria mais suave do que a masculina, na medida em que a mulher não experimenta uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta como as dos homens na aposentadoria. Os vínculos afetivos entre filhos e mães são mais intensos, e por isso os filhos estão mais dispostos a cuidar delas do que de seus pais idosos (p.140).

Aqui então faço uma ressalva para questão do trabalho, pois esse termo utilizado nessa composição é definido como atividade assalariada. Mas se considerar trabalho como atividade que exige algum tipo de esforço, seja ele físico ou mental, a mulher tanto quanto o homem, possui uma dependência em relação a essa atividade. Afinal, como destinada socialmente, a mulher é responsável pelo lar, que depende de fato de um trabalho.

No entanto, o fator econômico ainda é um efeito do mundo do trabalho que reflete na aposentadoria feminina de forma negativa. Como citado anteriormente, as rendas das mulheres passam a ser precárias, às vezes não sendo o suficiente para a sua sobrevivência. Por conseguinte, as mulheres, em sua maioria, desenvolvem uma dependência em relações aos cônjuges através de sua renda ou pensões. Quando isso não acontece, muitas delas tentam retornar ao mercado de trabalho, o que se torna difícil por conta da idade e

os problemas decorrentes dela, como a brevidade³⁴ de cumprir as tarefas. Assim, elas se submetem a salários das tarefas domésticas ou algum tipo de trabalho informal.

A visão da aposentadoria então se torna

O símbolo social do envelhecimento. O corpo envelhecido e usado é excluído da sociedade com pouca ou nenhuma consideração, embora algumas vezes com certo afeto. A sociedade criou concepções e modelos sociais de corpo que estão voltados, principalmente, para a juventude e o início da maturidade (PEIXOTO, 2001, p.162).

A questão do casamento, como diz Peixoto (2001), é de grande importância para as mulheres idosas. Pois é por meio do casamento que elas podem almejar algum tipo de independência. Entretanto, a liberdade almejada transforma-se em responsabilidades, resultando na sobrecarga. Atividades domésticas, a maternidade e o cuidado com a família são exemplos dos papéis das mulheres dentro do casamento para a população atualmente idosa. Enquanto isso, aos homens dependia a estabilidade e durabilidade financeira.

Como relata Bassit (2002), a maturidade feminina também possui uma influência maior, que é de seu corpo biológico. O corpo biológico da mulher faz parte de sua realidade social. Assim, os diferentes ciclos da vida feminina são representados por fenômenos biológicos, como a gravidez, que simboliza a passagem para vida adulta. O climatério e a menopausa são fenômenos do corpo feminino, que simbolicamente, marcam a passagem da vida adulta para a velhice. Nessa perspectiva, o envelhecimento feminino é considerado diferente desse processo de transição pelo qual o homem passa.

A beleza também é um forte influente da velhice. Em uma sociedade capitalista em que o consumo é um dos maiores objetivos, padrões são idealizados para serem comprados com uma visão no lucro. E com essa fase da vida não é diferente. O homem que envelhece torna-se mais viril, a mulher torna-se frágil e ultrapassada. Com isso, a mídia propõe uma indivisibilidade da mulher *velha* para que haja a venda da mulher que é aparentemente sempre jovem e isso é dado com produtos entre outros.

Nesse contexto, o envelhecimento feminino que é associado ao corpo biológico da mulher é visto como socialmente degradante. A perda da função da fertilidade, a beleza física e da atração sexual, é parte desse processo de envelhecimento que as mulheres podem passar, influenciando de forma negativa na visão deste.

Porém, isso se torna diferente quando falado das gerações futuras de avós, as quais estarão

³⁴ Uma vez que no sistema capitalista em que vivemos, a velocidade de exercer sua função é de grande valor para atingir o lucro final.

(...) muito envolvidas com a vida profissional de individualização e com uma recusa enorme às relações tradicionais de gênero. Isso, sem dúvida, trará mudanças mais radicais tanto na divisão das responsabilidades entre família e o Estado, no que concerne ao cuidado das pessoas idosas e das crianças, quanto no interior da família, com a divisão do trabalho entre os sexos para o exercício dessas mesmas responsabilidades (ATTIAS-DONFUT, 2004, p.105).

Desse modo, falar de velhice, como concorda Debert (1999), é relacionar o passado e o presente em que são influenciados por um contexto de espaço, tempo e determinadas culturas. Nesse intuito, a população idosa vive um momento diferente de quando era jovem, ainda marcada por uma cultura na qual os sexos se expressam de formas diferentes na sociedade, mesmo que essa relação de gênero seja mais combatida nos tempos contemporâneos.

Por fim, o fenômeno da velhice que carrega estereótipos e as consequências da aposentadoria pode acarretar um processo que se torna mais árduo. Mas cabe à população mais nova respeitar e compreender esse momento, valorizando o que eles carregam de mais valioso: a experiência.

CAPÍTULO 3: AS CONCEPÇÕES NA PRÁTICA

3.1 Metodologia

A presente monografia apresentou até agora um panorama a respeito do contexto da aposentadoria e um pouco da concepção de gênero (limitando-se às figuras de homem e mulher). Ideologias essas que se intercalam refletindo no campo social do indivíduo, afetando ainda a subjetividade do mesmo e sua percepção do mundo. Com isso, neste capítulo, será apresentada a análise dos dados referidos à pesquisa realizada diante da realidade uma vez apontada.

Este trabalho tem como base a pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, utilizando especificamente o tipo de estudo de casos. Segundo o pensamento de Martins (2004), ao usar esse tipo de pesquisa, deve-se fazê-lo aberto à flexibilidade, das técnicas utilizadas à análise dos dados. Ainda como concorda o autor, a pesquisa qualitativa tem uma preocupação com a aproximação com os dados, compreendendo a realidade social de maneira mais completa possível (2004).

Nesse processo, buscou-se, através de entrevistas semi-estruturadas, atingir o objetivo proposto. Este coloca-se em analisar como dito anteriormente a conjuntura da construção de gêneros em mulheres aposentadas que se encontram em matrimônio. Foram realizadas questões acerca do contexto familiar, laboral e a atualmente da aposentadoria. As entrevistas foram realizadas no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Campus Universitário de Rio das Ostras (CURO).

A pesquisa é executada a uma amostra de três mulheres, limitando-se à cidade de Rio das Ostras. Essa delimitação se deu por conta do início do estágio curricular sobre a aposentadoria ter sido realizado nessa cidade. As entrevistadas são casadas e seus maridos também são aposentados. Nesse caso, foi estipulado o tempo, de no mínimo, 10 anos de matrimônio, por compreender que esse tempo é suficiente para que o casal possua um vínculo mais aprofundado.

A partir disso, procurou-se analisar, por uma perspectiva feminina³⁵, a dinâmica do casal, com base no rompimento com o trabalho e o reflexo disso para a relação dos dois. Com isso, ainda buscou-se investigar a construção da relação de gêneros no ambiente público e privado.

³⁵ Nesta monografia a palavra feminina se refere exclusivamente à figura da mulher.

Os encontros ocorreram individualmente no local já descrito. Além disso, no início dos encontros houve um maior esclarecimento acerca da proposta das entrevistas. Na ocasião também foi solicitada, por meio de um termo de esclarecimento livre (encontrado no Anexo I), uma autorização para a gravação da entrevista.

3.2 Análise dos dados

A análise dos dados desta pesquisa desenvolveu-se através da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo é uma técnica investigativa que se utiliza de procedimentos de descrição objetiva e sistemática ao expressar o conteúdo da mensagem. Assim, esse método permite explorar a mensagem de forma que compreenda os dados como um todo, incluindo o que não está explícito.

Os resultados da análise de dados serão subdivididos e manifestados nas seguintes subcategorias: I) O efeito do mundo do trabalho; II) Aposentadoria e seus impactos; III) O contexto familiar na aposentadoria.

É importante ressaltar que os nomes das entrevistadas foram mantidos em sigilo, de acordo como o termo livre de esclarecimento, utilizando nomes fictícios para as mesmas. Não obstante, seus perfis são mantidos. Estes são: Cláudia, 61 anos de idade, 28 anos de matrimônio, 4 anos de aposentadoria; Teresa, 66 anos de idade, 42 anos de matrimônio, 5 anos de aposentaria; Ivone, 70 anos de idade, 45 anos de matrimônio, 10 anos de aposentadoria.

3.3. Análise das entrevistas

Nessa parte da pesquisa, serão expostas as análises das entrevistas como explicado anteriormente.

3.3.1 O efeito do mundo do trabalho

O trabalho como atividade central na vida do indivíduo proporciona que o mesmo reconfigure e se construa à base do trabalho, tornando-se dependente dele (SOARES e COSTA, 2011). Esta é uma reflexão que, em muitas vezes, é realizada somente ao término da vida laboral, no qual a aposentadoria pode tornar-se conflituosa, uma vez, que de

início, ela é vista como uma libertação desse período laboral. Claudia³⁶, ao falar do trabalho, relata que ao sair dele se sentiu tranquila:

Era aquela coisa de serviço publico você não tem tudo na mão, não é tão fácil, acho que é mais difícil ainda. Sabe? Mas não era fácil, então era uma correria. Então às vezes eu ia com isso para casa. Eu tenho que tá hoje e amanhã, então cria uma hipertensão. Eu tenho até hoje, mas controlado. Então pra mim foi muito bom (o fato de se aposentar) porque eu tive (pausa na fala) um tempo mais tranquilo. (...) Eu me aposentei bem consciente de que eu tinha feito a minha parte.

Para além disso, ao falar do trabalho propriamente dito, percebe-se que este compõe um discurso alienado como “perfeito, melhor ainda, porque você é jovem trabalhando” (TERESA). Isso produz a visão de que o trabalho é o núcleo definidor que dá sentido a vida, como concorda Zanelli, Silva e Soares (2010). Ou como disse Cláudia ao se aposentar que “me senti satisfeita, sensação de trabalho cumprido”. Assim,

As pessoas, histórica e culturalmente, percebem o trabalho como trajetória lógica e a normalidade a ser seguida durante toda sua vida. Desde a infância, o trabalho está inerente às atividades, pois para a criança vir a “ser alguém” quando adulto, é preciso (...) dedicar-se a uma profissão (COSTA e SOARES, 2011, p. 27).

Já no mercado de trabalho, como já apresentado a mulher se inseriu no mercado trabalho tardiamente em relação ao homem. Esse é uma conjuntura que produz efeito na divisão social e sexual do trabalho. Assim, a figura da mulher é vista desigualmente a do homem, sendo reconhecida como inferior, refletindo desde as condições laborais aos salários (SILVA-SELIMANN, 2011). No entanto, esta realidade é muitas vezes negligenciada, como visto nas entrevistas. Quando as participantes foram questionadas sobre essa diferença entre os sexos no mercado de trabalho, todas responderam nunca ter passado por uma situação de desvantagem por ser mulher. Teresa ainda justificou sua posição dizendo que “não por ser mulher, mas por não ter conhecimento”.

Essa diferença se reflete também na relação marido e esposa em que o homem possui o maior salário, sendo o maior contribuidor da casa. E assim produz falas como: “Mas o salário maior era do meu marido, bancando mais a casa” (TERESA) ou “quando me mudei para Rio das Ostras, meu marido me ajudava, me mantinha” (IVONE).

Como resultado da divisão sexual do trabalho produz-se em duas categorias, o trabalho de homem e o trabalho de mulher (GAMA, 2014), onde na atual sociedade capitalista, que é no caso do Brasil, a primeira categoria é mais valorizada do que a segunda. A partir disso, o trabalho feminino resume-se a trabalhos mais manuais e

³⁶ Claudia foi aposentada pela Prefeitura de Rio das Ostras, na qual trabalhava como administradora da Unidade de Urgência e Emergência (Pronto Socorro).

atividades rotinizadas como descreve Antunes (2000), e ao trabalho do cuidado como diz (GAMA, 2014), como comprova Teresa que se aposentou na profissão de costureira e Ivone, que passou a maior parte de sua vida profissional trabalhando como empregada doméstica.

Contudo, em decorrência das histórias apresentadas, percebe-se que a relação de poder entre o homem e a mulher pode ser construída de forma subentendida como já dito anteriormente utilizando-se de instrumentos capilares³⁷ que se estabelecem da forma mais simples, sendo vista como natural. Por fim, conclui-se que, mesmo não sendo expresso explicitamente, o trabalho feminino ainda é atravessado por desigualdades entre os gêneros.

3.3.2 Aposentadoria e seus impactos

Devido a posição que o trabalho ocupa na vida do sujeito, o rompimento deste pode trazer graves conflitos nessa nova fase. No entanto, esta é uma visão que pode ser contestada para aqueles que puderam ver na aposentadoria novas possibilidades de agir no mundo. Dessa forma, essa fase pode ser considerada um momento “maravilhoso. Nossa qualidade de vida é outra. (...) Hoje não, a minha vida pra mim, nossa mãe, fico até com medo de falar muito assim e ter inveja. Nossa mãe me sinto privilegiada” (CLAUDIA). E como Teresa que sente “tranquilidade com certeza de poder fazer as minhas coisas”. É uma percepção que mostra na aposentadoria um novo ciclo de reconstrução de horários, atividades e da própria identidade.

De fato, a ruptura com o mundo de trabalho pode ser desenvolvida de forma ambígua. Uma relação de duas vias, ao mesmo tempo “uma sensação de liberdade, de ser prisioneiro das rotinas burocráticas, das chefias e dos horários previamente estabelecidos” (ZANELLI, SOARES e SILVA, 2010, p. 52). Como, por outro lado, a sensação de perda do núcleo que movimenta toda sua vida, a tensão por um futuro desconhecido. Este é um quadro que ocorreu com Ivone, que relatou: “eu me sentia muito sozinha, eu vim para Rio das Ostras, meu marido só veio seis meses depois³⁸, aí eu comecei a beber. Eu bebi os

³⁷ Termo utilizado por Foucault (2005) – edição brasileira traduzida por Maria Ermantina Galvão – que condiz com um exercício de poder que se estende das menores instâncias até a mais alta.

³⁸ Ivone trabalhava em uma casa de família e sempre passava as férias aqui em Rio das Ostras. Em uma das férias, descobriu que não precisava voltar, foi quando decidiu se aposentar e morar na cidade. Então só ficou esperando o retorno marido, que ocorreu seis meses depois.

primeiros três meses, mas depois, graças a Deus, uma pessoa me levou para igreja, onde me encontrei”.

Dessa maneira, o que vem em questão é a relação que o sujeito construiu com o seu trabalho e como isso pôde refletir no período de não trabalhar (ZANELLI, 1996). Ou seja, o modo com que você lida e apreende subjetivamente o processo laboral, determinando uma importância para ele na vida, mostra como a aposentadoria poderá ser vivida, da forma mais impactante ou não.

Outro ponto a ser abordado é o convívio social, o qual é um questionamento feito acerca dessa temática. A partir da ruptura com o trabalho, a maior perda do indivíduo é a vida social, com as relações e laços construídos, como concorda Antunes (2000). E é “por meio das instituições que se dá a participação em grupos sociais com o estabelecimento de papéis, o reconhecimento ou não, a satisfação e a realização pessoal” (SOARES e COSTA, 2011, p.27).

Como consequência disso, o aposentado é colocado em uma posição à parte de um mercado de trabalho, sendo visto como sem utilidade, refletindo isso na própria sociedade (ZANELLI, 2000). Assim, os aposentados passam a ser vistos como uma categoria excluída do social, que não faz parte da sociedade. Nesse sentido Claudia, percebe que “o contato social é menor, sabe? Mas ele é mais filtrado, você tem mais liberdade de dizer sim ou não. Mais segurança, quando eu não quero, não vou, quando eu quero ou eu tenho tempo. Antes não, querendo ou não você tinha obrigações sociais”. Uma percepção que pode mostrar o lado social por outro ângulo.

No entanto, as participantes quebram com o estigma do aposentado, quando mostram que se inseriram novamente no campo social, mesmo que de outra forma. Claudia hoje faz parte do PROSA (Projeto Servidor Aposentado), grupo social que trabalha a interação e a inserção na sociedade dos aposentados municipais da Prefeitura de Rio das Ostras. Já a Teresa e a Ivone, fazem parte do grupo da Igreja Católica Nossa Senhora Imaculada Conceição. Isso mostra, como aponta Debert (1999), uma mobilização do público feminino, visto que ele é o que mais procura programas desse tipo. De fato, tanto o PROSA como o grupo da igreja são compostos por um grupo que é predominantemente feminino.

Junto à aposentadoria e às marcas do trabalho, a maioria dos aposentados vive esse momento interligado ao curso do envelhecimento. Este é um processo que pode afetar mais a mulher que o homem (DEBERT, 1999). Para além das questões do próprio

envelhecimento, há uma busca de um ideal de mulher jovem, que a sociedade impõe (MEYER, 2013).

Dessa maneira, são naturais discursos como “eu não gosto quando olho para o espelho não. A juventude você vê que vai embora, né? Mas procuro pensar, me conformar, porque eu digo assim: “Não sou só eu”. Todos vão passar por isso” (Claudia).

Em contrapartida, a maneira com que você subjetiva esse momento, tanto a aposentadoria como o envelhecimento, permitem que as marcas físicas estejam no fundo e não na figura³⁹. Assim, o sujeito passa a se encontrar com ele mesmo de outra forma. E o discurso acaba se alterando como na fala da Ivone que se percebe como “bem adiantada, né? Muito dinâmica. (...) Mas eu me vejo assim, uma pessoa dinâmica que não deixou se abater pela aposentadoria. Na verdade, eu não me sinto uma aposentada, me sinto uma idosa dinâmica”.

3.3.3 O contexto familiar na aposentadoria

A aposentadoria como um ciclo que carrega com ele muitas dúvidas pode ter consequências determinantes para o sujeito, afetando diversas áreas de sua vida, como o seu casamento. Sendo assim, é natural que o indivíduo, que tinha como base a relação com trabalho, não saiba lidar com outras relações após a saída do mercado de trabalho. Assim, como Zanelli, Silva e Soares (2010), aponta: “Quanto mais estreitas as relações e maior a satisfação pelo convívio com o grupo, somadas aos laços com o trabalho em si e projetos que se tenha, mais dificuldades pode-se ter no rompimento” (p. 28).

Em relação ao impacto da aposentadoria sobre seu cônjuge, Claudia comenta:

Foi até bom para o nosso relacionamento também. A gente começou a se identificar mais, porque tem mais tempo né? Para conversar, para brigar (pausa), brigar mesmo, sabe? Mas é tão bom quando a gente tá junto que não tem o que brigar. Às vezes tem um, sei lá, um destemperamento assim. (...) E tudo se resolve, aí o crescimento é maior ainda.

Uma das implicações do trabalho é a questão, como já falado, que o sujeito se guia a partir dele, construindo um cotidiano laboral. Com isso, ele produz no sujeito uma subjetividade e organiza seu tempo. Diante disso, o término desse ciclo, como Claudia relatou, foi/é a oportunidade de a pessoa se perceber e se dar conta do que de fato é dela,

³⁹ Princípio da abordagem no campo da Psicologia, Gestalt-terapia, em que promove o estabelecimento de prioridades para o sujeito, o que emerge na figura tem naquele momento maior prioridade, do que o que está no fundo.

sem ter sido determinado pelo trabalho. Como ela ainda disse, é uma oportunidade para se conhecer como outro, como em seu casamento.

Outra questão é a possibilidade de poder fazer atividades juntos, como no caso da Ivone que disse que o marido “é um anjo na minha vida, a gente vive muito bem. (...) Agora ele está integrado na igreja comigo, sem estresses, sem chamar, sem nada, ele está engajado”. O que permite que eles tenham mais coisas em comum, proporcionando um maior laço entre eles.

Como mostra nesse trabalho, a sociabilidade é muito questionada quando se fala de aposentadoria, mas através das entrevistas percebi que no casamento esta conjuntura está mais ligada à condição financeira. Logo, são comuns discursos como “dentro dos nossos limites financeiros e de tempo também” (CLAUDIA), ou “minhas filhas que me oferecem lazer quando podem que com o dinheirinho que eu ganho, não dá não” (TERESA). Dessa forma, entende-se que o casamento pode não ser a barreira em muitos casos para uma vida social após a aposentadoria. Assim, o casamento pode ser uma forma da pessoa se manter ativa socialmente, mesmo que de outra forma.

No entanto, em outros casos essa barreira é advinda da relação do casamento, produzindo um discurso como “Ele nunca gostou de sair. Toda a vida foi assim. Mas agora que estamos só eu e ele, que sinto falta desse companheirismo. Ele só fica em casa, eu chamo para sair, ele fala: vai você”. Essa é uma situação, na qual foi intensificada com o maior convívio compromete a vida social do indivíduo, o que pode acarretar em outros conflitos mais adiante, como solidão, depressão e outro. Soares e Costa (2011) mostra essa ideia ao citar que “a socialização é um processo de apropriação da vida cotidiana, pois o sujeito a que se refere é sempre um ser social” (p. 26).

A renda pode se dizer que é contada como um ponto negativo desse momento. Ao se tornar aposentado, o sujeito deixa de receber seu salário que estava acostumado, passando a receber um pagamento consideravelmente menor. Esse fato então acaba por afetar o modo como o sujeito vai lidar com a aposentadoria. Em todas as entrevistas, as aposentadas relatam em algum momento a questão do dinheiro de modo negativo nesse ciclo. Dessa forma, falas como “não tive um impacto grande, salário mínimo não dá para ter impacto” (TERESA) estavam presente durante os discursos para afirmar essa situação.

Contudo, há caminhos para lidar com essa questão, de modo, que a pessoa ainda assim apreenda esse momento da melhor forma. No casamento, isso pode favorecer uma

dependência entre os dois. Quando Teresa fala a respeito disso, ela demonstra em sua fala:

Ele (marido) quando se aposentou continuou trabalhando uns 20 anos mais, foi quando nossa vida deu uma melhorada, porque a gente comprou uma casinha melhorou. Melhorou porque ele tinha dois salários todo mês, depois da aposentadoria foi que a nossa situação melhorou. Ante então nossa situação era difícil.

A opção de continuar trabalhando é a realidade de muitos aposentados, principalmente do sexo masculino. A posição de provedor da família é uma posição construída culturalmente, mas que ainda abate a realidade brasileira (GAMA, 2014). Como Ivone também relata que “hoje ele também dirige para um dos padres daqui, e isso é bom que ganha um dinheirinho a mais, além disso, ele faz o que ele gosta, ele sempre gostou de dirigir”. Com isso, é comum uma fala como esta em que o marido continua a trabalhar e esposa não.

Como um lado positivo, a aposentadoria é um momento para a pessoa se dedicar aos seus desejos e projetos, até então interrompidos pela rotina do trabalho. Afinal, se baseando ainda em Zanelli, Silva e Soares (2010), “a cultura de grande parte de segmentos sociais coloca as atividades ou o tempo fora do trabalho como pouco ou mesmo indesejável” (p. 30). No casamento este é um momento de você vivenciar com seu cônjuge esses desejos. Quando indagadas sobre a questão do lazer, a maior parte dos participantes responderam de forma a relatar histórias alegres. Ivone diz que,

Costumamos, a gente vai muito a praia. Quer encontrar a gente? É só ir às 15 horas na praia do pica pau. E nós temos muitos amigos, se chamar a gente para festa, nós vamos. A gente tá sempre juntos, a gente não para não. Somos muito grudados.

Já Claudia explica que eles vivem de fases e que eles estão “em uma fase assim, de ir para a serra. Sabe? Tomar banho de rio, fazer caminhada. Então, o social está sendo mais na serra. Mas temos amigos muito próximos aqui, que a gente não desgruda”. Para além do casal, o interessante foi perceber que eles se incluem no meio social, o qual ainda possuem laços externos fortalecidos. Ademais, a todo o momento, ao falar sobre isso, elas deixaram claro que os desejos são divididos de acordo como o tempo, dinheiro e a vontade de ambos.

Porém, essa situação, por mais que seja parte de uma maioria, ela não é unânime. Logo, a mulher, depois da aposentadoria, tende a estar mais inclusa no meio social (DEBERT, 1999) e quando isso é impedido pelo casamento, pode ocorrer de frequentar por ela mesma, como Teresa aponta:

Eu ocupo meu tempo na igreja, eu ia para o parque com o grupo, mas o governo diminuiu a verba de lá, aí ficou com menos gente, aí se espalhou. (...) Eu só estou aqui mesmo (na igreja), as terças-feiras de fazer enxoval para bebê, aí quando eu não tô aqui, eu tô fazendo a costura em casa para o enxoval, aqui é só crochê e o tricô e em casa a costura.

Desse jeito entende-se que a aposentadoria pode tanto limitar o sujeito aposentado com as relações de poder quanto libertá-los desses estigmas construídos.

A saída dos filhos de casa é um dos eventos que atinge principalmente a mulher aposentada, tornando essa fase mais vulnerável como concorda Debert (1999). Como consequência, a mulher pode sentir-se abandonada, como, Teresa que fala que depois que as filhas se casaram, ela se sentiu mais sozinha. Ela ainda não podendo contar com o marido, diz: “eu me aposentei, ele se aposentou e estamos a sós, então a gente poderia ser mais companheiro, de andar participar junto, mas ele se anula, não quer então isso eu não gosto. Eu vivo a situação, mas não porque gosto”.

Já Claudia compreende esse fato, buscando ver um lado positivo. Assim ela diz,

Olha, é diferente, porque a casa fica mais vazia. Mas para a nossa relação, acho que foi melhor. Sabe? Ela nem pode ouvir isso (risos). Foi bom para a nossa relação de marido e mulher, em casa. A gente teve mais liberdade e ficou, parece que assim, mais carinhoso um com o outro. Sabe?

Nesse intuito, entende-se que a aposentadoria na figura da mulher pode ser tão dolorosa quanto a do homem, complementando a isso as perdas, como as dos filhos saindo de casa, a perda do trabalho, do salário e da juventude (DEBERT, 1999). Com isso, é preciso poder reconhecer as possibilidades diante deste contexto, como Claudia expôs.

Pensando na figura da mulher que historicamente está mais familiarizada com o ambiente privado que o homem, foi colocado em pauta as divisões de tarefas após a aposentadoria. Na maior parte das respostas a mulher, ainda se coloca como a figura determinante que ainda realiza atividades do cuidado e o homem com atividades que demandam mais forças físicas (ANTUNES, 2000). Assim, Teresa relata que faz tudo, “eu cozinho, limpo casa, arrumo, vou comprar as coisas que precisa. As coisas de casa é tudo comigo, ele se anula para qualquer coisa”.

Já para Claudia, isso deu através de um acordo entre os dois. Assim ela diz,

Olha, a cozinha é comigo, eu adoro cozinhar, inventar. E Edson assim, gosta muito da minha comida. (...) Então, é bem legal, muito legal. E ele cuida mais assim, tipo uma torneira pingando, tem grama para cortar, as plantas ficam mais por conta dele e a casa mais por minha conta. Mas é bem legal, se eu tô aqui com você e você me chama para almoçar, ele se vira. Ou se eu não chego a tempo e ele quer almoçar em casa. Ele faz algo para ele. Eu também sempre deixo algo.

Por outro lado, Ivone demonstra uma divisão em mais equilibrada nas atividades, acontecendo de maneira mais proporcional. Assim, ela conta:

Ah, eu tenho um detalhe muito importante, há 45 anos eu tomo café da manhã na cama. Desde a primeira noite que dormimos juntos, ele fez o que café e levou e até hoje. (...) Às vezes a tarde ele faz outro café. Então eu posso falar pra você, que eu vivo em uma lua de mel. Eu faço comida, mas se precisar ele faz também. E na maioria das vezes, ele quem arruma a cozinha. Porque nós estamos procurando não ficar em casa ociosos. Eu tenho um terreno do lado, e nesse terreno eu estou montando um jardimzinho, para não ficar ociosa e meu marido monta as plantas. Ele é meu amparo. Eu também dirigia, mas não mais, aí ele que me leva para os lugares.

É preciso entender esse lugar de cuidado que a mulher ocupa como, Gama relata (2014), e perceber que não se resume a isso, permitindo então que a figura masculina participe desse processo, tornando também o cuidador.

Por fim, foi colocado em pauta a relação dos casais aposentados entre eles mesmos. Com intuito de perceber as relações de poder no matrimônio, foi questionada a visão por parte do parceiro da mulher que o acompanha. Claudia trouxe a questão da dependência em que o marido diz: “se não fosse eu na vida dele, ele tinha morrido” para ela. E retoma a fala complementando que,

Então eu nunca perguntei para ele, mas acho que ele vê como uma boa companhia. A gente se dá muito bem. Sabe? (...) Então era aquela que eu queria e quando a gente se encontrou, a gente viu que era mesmo, a metade existe. E o envelhecimento, como ele me vê, é como eu vejo ele também. Então, isso não me preocupa assim. Porque se ele tá ficando feio, se é assim que se chama a velhice, eu também. Eu tô ele tá também. Não tem juventude mais. Nós dois estamos envelhecendo juntos. E o bom que estamos envelhecendo de uma forma carinhosa, de muito companheirismo. Espero que continue assim.

A mulher ocupa um lugar importante no casamento, com a figura de cuidadora, ela deve continuar o fazer ao casar e construir sua família (GAMA, 2014). Isso acaba favorecendo que uma dependência entre o homem e a mulher. Essa dependência se reflete no relacionamento de Teresa, que fala que o marido a vê de forma “como um esteio, uma pessoa importante na casa”, no qual a casa sem ela “não faz sentido, perde o sentido”, completando dizendo que seu parceiro “já acostumou”, finalizando com “tudo ele depende de mim”. Além disso, ocorre a dependência emocional, como conta Ivone, que o marido não quer que ela pare de fazer suas atividades, que ele “faz tudo para que eu tenha essa rotina”, diz ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a construção da relação de gêneros que há em um casal aposentado, o impacto da aposentadoria e os seus efeitos no contexto social em que isso é vivenciado, sob a realidade cultural da cidade de Rio das Ostras - RJ.

Diante de tudo que já foi exposto, pode-se se dizer que a aposentadoria de fato se torna um momento de transição impactante para o futuro aposentado. Durante as entrevistas, em nenhum momento isso foi percebido de maneira explícita. No entanto, foi através da análise dessas falas com o seu contexto que pude entender que de fato isso faz parte de um mecanismo que se coloca como não consciente para o sujeito.

Dessa maneira, a vivência da aposentadoria torna-se ambígua, já que de um lado é despertado o sentimento de liberdade do trabalho e dos compromissos que dele envolviam, e por outro lado, há momentos de solidão, perda salarial, o que influencia de forma negativa esse momento (FRANÇA, 2008). Porém, em um segundo momento foi compreendido que as participantes ressignificaram sua aposentadoria compreendendo esse momento, não permitindo que isso as dominasse, pelo contrário, tornaram-se ativas de suas histórias.

E assim, uma parte continuou trabalhando, como também todas elas tiveram um retorno de sua vida social, introduzindo-se de outra forma. Isso se dá pelos programas e projetos que cercam idosos e aposentados na cidade de Rio das Ostras. Com eles, se encontram o PROSA, os projetos com grupos como de costura para o enxoval e o de yoga da Igreja Católica Nossa Senhora Imaculada Conceição. Além disso, a Secretaria de Bem Estar Social da Prefeitura, oferecia alguns projeto também como o projeto “Melhor Idade”, no entanto, por conta da atual crise enfrentada na economia da cidade, as verbas de alguns desses projetos foram cortados. Desse modo, a cidade em questão, possui aparatos para auxiliar essa escolha. Como também a Prefeitura de Rio das Ostras vem com uma parceria com a UFF (Universidade Federal Fluminense), desenvolveu para os servidores municipais o PPA, outra forma de auxiliar na transição para a aposentadoria.

Por outro viés, pôde-se verificar que, de forma não consciente, a relação de gêneros entre o casal aposentado é construída, desenvolvendo uma relação de poder. Esse quadro não é visto como integral e nem em todos os campos da vida do casal. Contudo, de acordo com a geração das entrevistadas, o papel da mulher como figura de cuidadora ainda se coloca muito presente, determinando algumas responsabilidades para essa posição nesse ciclo da vida, principalmente quando se fala da esfera privada. Além disso, a relação de poder como falado anteriormente, desenvolve-se através daquilo que

Foucault (2005), vai chamar de micropoder, atingindo das pequenas formas de mecanismos até o mais explícito.

Então, o que se percebe ainda uma dificuldade do homem, em sua maioria, em se introduzir no ambiente historicamente construído, como apresenta Boff (2010), como domínio da mulher, resultando em conflitos internos. Com isso, como aponta Debert (1999), a momento de transição da aposentadoria pode ser mais confuso para o homem.

Contudo, o momento da aposentadoria coincide muitas vezes com o envelhecimento (FRANÇA, 1999), o que torna essa transição mais delicada. Como consequência desse processo, foi constada que isso permitiu que a relação do casal aposentado se torne mais fortalecida no sentido de homem e mulher. Desse modo, os casais procuram satisfazer as duas partes da relação, procurando em sua maioria realizar atividades em conjunto.

Por fim, a aposentadoria é um momento único, diferenciando-se de qualquer ciclo vital ou social. Isso se dá, simplesmente, pelo fato de não estar submetida ao domínio do mundo do trabalho. Destarte, como resultado desse quadro, o indivíduo deve se colocar como protagonista de sua vida, responsabilizando-se por suas escolhas. Por isso, a aposentadoria se torna tão impactante. Efetivamente, é preciso se falar mais respeito do mundo da aposentadoria e seus efeitos para aquele que é visto como ex-trabalhador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F. W. R. II Seminário da Linha de Pesquisa “Trabalho, emprego e sindicatos”. **Proteção social, aposentadoria e envelhecimento: um viés histórico, da idade média aos dias atuais**, 2014 (Seminário).
- ALMEIDA, E. A.; MADEIRA G. D.; ARANTES P. M. M.; ALENCAR M .A. Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. **Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia** [Internet]. 13(3):435-44, 2010. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/pdf/rbgg/v13n3/v13n3a10.pdf>. Acesso em: 18 de Abril de 2016.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos Do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2 ed. Boitempo Editorial. São Paulo, 2000.
- ATTIAS-DONFUT, C. Sexo e envelhecimento. In: Peixoto, C. E. **Família e envelhecimento**. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2004.
- BADINTER, E. **O que é uma mulher?** Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1991.
- BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. **Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativas e qualitativa**. LTC. Rio de Janeiro, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 2009.
- BASSIT, A. Z. Histórias de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: Minayo, M. C. S.; Coimbra, J.; Carlos, E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Fio Cruz. Rio de Janeiro, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1970.
- Bíblia Sagrada**. Edição Claretiana. 26 ed. Editora Ave-Maria. São Paulo, 2000.
- BLOG DAS FEMINICIANTES**. Mulher Machista não existe! 2014. Disponível: <http://feminiciantes.blogspot.com.br/2014/05/mulher-machista-nao-existe.html>. Acesso: 01 de Junho de 2016.
- BRASIL. Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. **Estatuto do idoso**, Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- BOTELHO, J. A. O trabalho com idosos em Gestalt-terapia. In: Fukumitsu, K. O.; Frazão, L. M. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. Summus. São Paulo, 2016.

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed, Bertrand Brasil. Rio de Janeiro 2002.
- BRITTO, J.; OLIVEIRA, S. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade Nos Espaços de Trabalho. In: Filho, J. F. S.; Jardim, S. R. **A danação do trabalho**. Organização do Trabalho e Sofrimento Psíquico. Te Corá Editora. Rio de Janeiro, 1997.
- CARVALHO, E. P. **Conferencia de Encerramento: Gênero, educação e ciência** [online]. EDUEPB. Campina Grande, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 de Maio de 2016.
- CARVALHO, M. E. Feminismo e construção da cidadania das mulheres: avanços e desafios nos campos da educação trabalho e política no século XXI. In: **Gênero, Educação e Política: Múltiplos Olhares**. Editora Ícone. São Paulo, 2009.
- CORDEIRO, E. S. **Violência Contra A Mulher É Crime! A lei Maria da Penha e um Trabalho de Grupo com Agressores**. Juruá Editora. Curitiba, 2014.
- COUTO, A. L. A. **O Processo de Envelhecimento Através do Discurso de Idosos**. In Dissertação (doutorado) – UFRJ – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social (EICOS). Rio de Janeiro, 2008.
- D'ACRI, G. Confluência. In: D'Acri, G.; Lima, P.; Orgler, S. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 2 ed. Revista e ampliada – Editora Summus. São Paulo, 2012.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: a socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. Editora EDUSP. São Paulo, 1999.
- ENRIQUEZ, E. Perda do trabalho perda da identidade. **Cadernos da escola do legislativo**. Belo horizonte. v. 5, n. 9, p. 53-73. Dezembro, 1999.
- FERREIRA, A. R. **Representações da História das Mulheres no Brasil em Livros Didáticos de História**. In: Dissertação (mestrado) – UEPG – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Progama de Pós Graduação em Educação. Ponta Grossa. P. 25-31, 2006.
- FERREIRA, A. B. D. H.. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5 ed. Editora Positivo. Curitiba, 2010.
- FÔLHA, F. A. S.; NOVO, L. F. Aposentadoria: Significações e Dificuldades No Período De Transição A Essa Nova Etapa Da Vida. **II Congresso Internacional IGLU**. Florianópolis. p. 2- 11. Dezembro, 2011.
- FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. Traduzido por Maria Ermantina Galvão. Editora Marina Fontes. São Paulo, 2005.

- FRANÇA, L. H. Preparação Para a Aposentadoria: Desafios A Enfrentar. In R. P. Veras (Org.) **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição** (pp. 11-34). BR: Editora Relume-Dumará/Unati/UERJ. Rio de Janeiro, 1999.
- FRANÇA, L. H. **O desafio da Aposentadoria**. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 2008.
- FRANÇA, Lúcia Helena De F. P.; MENEZES, Gustavo Silva; SIQUEIRA, Andreia Da Rocha. Planejamento para aposentadoria: a visão dos garis. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 733-745. Outubro/Dezembro, 2012.
- FURTADO, Odair. **Trabalho e Solidariedade**.- construindo o compromisso Social da Psicologia. Cortez. São Paulo, 2011.
- GAMA, A. S. **Trabalho, família e gênero: impactos dos direitos do trabalho e educação infantil**. 1 ed. Cortez. São Paulo, 2014.
- GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia de contato**. Summus. São Paulo, 1995.
- GOMES, G. A. História, Mulher e Gênero. UFJF – **Revista Virtú**. Setembro, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%80NERO.pdf>. Acesso em: 24 de Maio de 2016.
- HIDRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609. Setembro/Dezembro, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050**. Estudos e Pesquisas – Informação demográfica e socioeconômica. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, n. 24. 2008.
- JARDIM, S. O Trabalho e a Construção do Sujeito. In: Filho, J. F. S.; Jardim, S. R. **A danação do trabalho**. Organização do Trabalho e Sofrimento Psíquico. Te Corá Editora. Rio de Janeiro, 1997.
- LIMA, P. Hoslimo In D'acri, G.; Lima, P.; Orgler, S.; **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 2 ed revista ampliada. Summus. São Paulo, 2012.
- MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1: O Processo de Produção do Capital. Volume 1. 3ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1975.
- MASLOW, A. H. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MEIS, C. Uma Questão de Gênero: Ensaio Sobre Sociabilidade, Mulher, Trabalho e Prostituição. In: Filho, J. F. S.; Jardim, S. R. **A danação do trabalho**. Organização do Trabalho e Sofrimento Psíquico. Te Corá Editora. Rio de Janeiro, 1997.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. 9 ed. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2013.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Disponível: <http://www.mtps.gov.br/>. Acesso em: 16 de Julho de 2016.

MORGANTE, Mirela; NADER, Maria. O patriarcado dos estudos feministas: um debate teórico. **Saberes e Práticas Científicas**. ANPUH-Rio. Julho/Agosto, 2014. Disponível em:
http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 14 de Maio de 2016.

MURARO, R. M.; BOFF, L. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Record. Rio de Janeiro, 2010.

NEVES, M. A. **Divisão sexual do trabalho e relações de gênero**: anotações em torno do tema. XII Encontro da ANPOCS. Águas de São Pedro. São Paulo, 1988.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1993.

PEIXOTO, C. E. Trajetórias das mulheres de mais de 60 anos: um estudo sobre envelhecimento feminino. In: Goldman, S. N.; Paz, S. F. **Cabelos de Neon**. Editora Talento Brasileiro. Rio de Janeiro, 2001

SALGADO, M. **Velhice, uma questão social**. SESC. São Paulo, 1980.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba. v.18, n.361, p.15-23. Junho, 2010.

PY, L.; PACHECO, L. J.; SÁ, L. M.; GOLDMAN, S. N. **Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. Editora NAU. Rio de Janeiro, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rosa dos tempos. Rio de Janeiro, 1992.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, pp. 71-99. Julho/Dezembro, 1995.

- SELIG, A. G.; VALORE, L. A. Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional. In: **Cadernos de Psicologia do Trabalho**, vol. 13, n1, pp. 73-87. Outubro/Fevereiro, 2010.
- SILVA-SELIGMANN, E. **Trabalho e Desgaste Mental: o direito de ser dono de si mesmo**. Editora Cortez. São Paulo, 2011.
- SOARES, D. H; COSTA, B. A.; OLIVEIRA, M. L. S. Aposenta-ção: programa de preparação para aposentadoria. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**. v.12, p. 143-161. Porto Alegre, 2007.
- SOARES, D. H. P.; COSTA, A. B. **Aposent-Ação: Aposentadoria para Ação**. Vetor. São Paulo, 2011.
- SOIHET, R. História das Mulheres. In: Ciro, F. C.; Ronaldo, V. (Org.). **Domínios da História** - Ensaio de Teoria e Metodologia. p. 275-311 .1 ed. Campus. Rio de Janeiro, 1997.
- VASCONCELOS FILHO, O. A. Aposentadoria espontânea: uma nova leitura de seus efeitos no contrato de emprego. **Jus Navigandi**. ano 12, nº1351. Teresina, 2007. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/9599>. Acesso em: 05 de Abril de 2016.
- VIEIRA, D, F. Nem homem, nem mulher: a visibilidade trans é também não binária. **REVISTA FORUM [online]**. Janeiro, 2015 Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/01/29/nem-homem-nem-mulher-a-visibilidade-trans-e-tambem-nao-binaria/>>. Acesso em: 04 jul. 2016.
- VIEIRA, F. O.; MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. : Juruá Editora. Curitiba, 2013.
- ZANELLI J. C.; SILVA, N. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. [S.I.]: Insular. Florianópolis, 1996.
- ZANELLI, J. O programa de preparação para aposentadoria como um processo de intervenção ao final de uma carreira. **Revista de Ciências Humanas**. Edição Especial Temática, p.157-176. Florianópolis, 2000.
- ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para a aposentadoria nas organizações de trabalho**. Construção de projetos para o pós-carreira. Editora Artmed. Porto Alegre, 2010.
- ZANELLI, J.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho**. 2 ed. Artmed. Porto Alegre, 2014.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Venho por meio deste, convidá-la a contribuir, na qualidade de entrevistado, com a pesquisa “*A repercussão da Aposentadoria no Casal Aposentado: Uma Perspectiva Feminina.*” Esta pesquisa será realizada pela aluna em processo de formação Bárbara Maria Souza Mattos, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Fabia Monica Santos, com o intuito de subsidiar seu trabalho de monografia para conclusão de Curso de graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (Rio das Ostras).

A pesquisa tem como finalidade conhecer as diferentes conjunturas em que um casal aposentado se encontra na sociedade, a partir do ponto de vista da figura feminina da relação. Analisando dessa maneira a relação entre componentes, as perspectivas de ambos, como o próprio contexto histórico que pode contribuir para um quadro atual. Procurando assim compreender a organização familiar com o advento da aposentadoria, a dinâmica das relações, as vivências de prazer e sofrimento relacionados ao trabalho, a aposentadoria e a mobilização subjetiva do casal aposentado. Para que tais objetivos sejam alcançados será realizada uma entrevista individual semi-estruturada, onde você será convidada a falar sobre a aposentadoria e as diferentes esferas de sua vida que ela atingiu, podendo chegar à reflexão de suas vivências sobre o mesmo. Para atender os objetivos do estudo, essas entrevistas serão gravadas, sendo destruída a gravação após transcrição. Deixamos claro que todos os dados serão totalmente confidenciais. Não será usado seu nome, datas e localizações serão omitidas, bem como detalhes cuja omissão não comprometa o objetivo deste estudo. Não haverá nenhum encargo financeiro relacionado à contribuição para a pesquisa, ou seja, você não pagará, nem receberá nenhuma quantia em dinheiro pela participação na pesquisa. Você tem o direito de desistir da entrevista a qualquer tempo, assim como poderá ter acesso aos resultados da mesma se assim desejar.

Sua participação é de suma importância para nós, visto que os conhecimentos adquiridos através desta pesquisa podem contribuir para uma maior compreensão deste tema. Desta forma, desde já agradecemos sua participação e para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Bárbara Maria Souza Mattos pelo telefone (21) 983860964 ou pelo e-mail: barbaramattos@hotmail.com, ou com a orientadora da pesquisa professora Dra. Fabia Monica Santos pelo email: fabia.monica@yahoo.com.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO:

Eu, _____, declaro ter sido informada sobre o objetivo e condições de participação da pesquisa “*A repercussão da Aposentadoria no Casal Aposentado: Uma Perspectiva Feminina.*”. Por isso, concordo em participar da mesma, sabendo que não haverá remuneração por isso e que posso sair desta quando eu desejar. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim, pelo pesquisador e pelo orientador, ficando uma via com cada um de nós.

Bárbara M. S. Mattos

Dr.^a Fabia Monica dos Santos

Entrevistada

Data, ___ de ___ de 2016.

ANEXO II

Roteiro da Entrevista Qualitativa

Questões iniciais:

- Nome:
- Data de Nascimento:
- Sexo:
- Quanto tempo de relacionamento:
- Endereço:
- Telefone:
- Cidade:

Questões sobre Aposentadoria/Trabalho:

- Você poderia me dizer há quanto tempo está aposentado (a)?
- Poderia me falar sobre o tempo em que começou a trabalhar? Como foi para você esse momento?

Obs.: Saber se tem a influência da situação familiar ou financeira.

- Enquanto estava no mercado de trabalho, houve algum episódio de se sentir inferior por ser mulher?
- O que vem à mente quando você pensa que atualmente é um aposentado (a)?
- E como foi o advento/início da aposentadoria para você?
- Como você descreveria esse momento para alguém que não tenha passado por ele? (Que momento? A aposentadoria)
- O que você acha que mudou após a aposentadoria?
- Como você se descreveria antes e depois da aposentadoria?

Questões Conjugais:

- Me fale um pouco sobre seu relacionamento.
- Como vocês se conheceram?

Obs.: Caso não responda a primeira questão.

- Como você descreveria a relação de vocês?

Obs.: Caso não responda a primeira questão.

- Como é a dinâmica do casal?

Obs.: como se falam, em que meios, quando se encontram, onde, se almoçam juntos.

- Como é a rotina do casal?

Obs.: Caso não responda a primeira a questão anterior.

- Vocês se consideram um casal ativo socialmente? E Como você acha que seu grupo social te vê?

- Do seu ponto de vista, como foi para o seu parceiro (a) o fato de você se aposentar?

- Do seu ponto de vista, como foi quando os dois se aposentaram?

- O que mudou na relação de vocês com os dois aposentados?

Obs.: Caso não responda a questão anterior.

- Como você descreveria a rotina do casal antes e depois da aposentadoria?

- Você já sentiu inferior ao seu parceiro por questão salarial ou posição no mercado de trabalho?

Questões pessoais:

- Você costuma desabafar seus problemas e felicidades com alguém? Quem seria essa pessoa? Como é a relação de vocês?

- Como você se vê?

- Como você acha que seu parceiro (a) te vê?

- Você considera que haja algum tipo de relação de dependência em relação ao seu parceiro. Como você avaliaria o seu o grau de dependência com o seu parceiro (a)? Como é isso para você?

- Você mudaria algo em sua relação amorosa?